

SIMON SCARROW

AS GARRAS DA ÁGUIA





Título original: *When the Eagle Hunts*

Autor: Simon Scarrow

© 2002 impresso no Reino Unido

Todos os direitos para a publicação desta obra reservados por

Edições Saida de Emergência

Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº

2775-274 Parede, Portugal

Telefone e Fax: 214 583 770

www.saidadeemergencia.com

Paginação: Edições Saida de Emergência

Tradução: Tiago Rosa

Revisão: José Saraiva

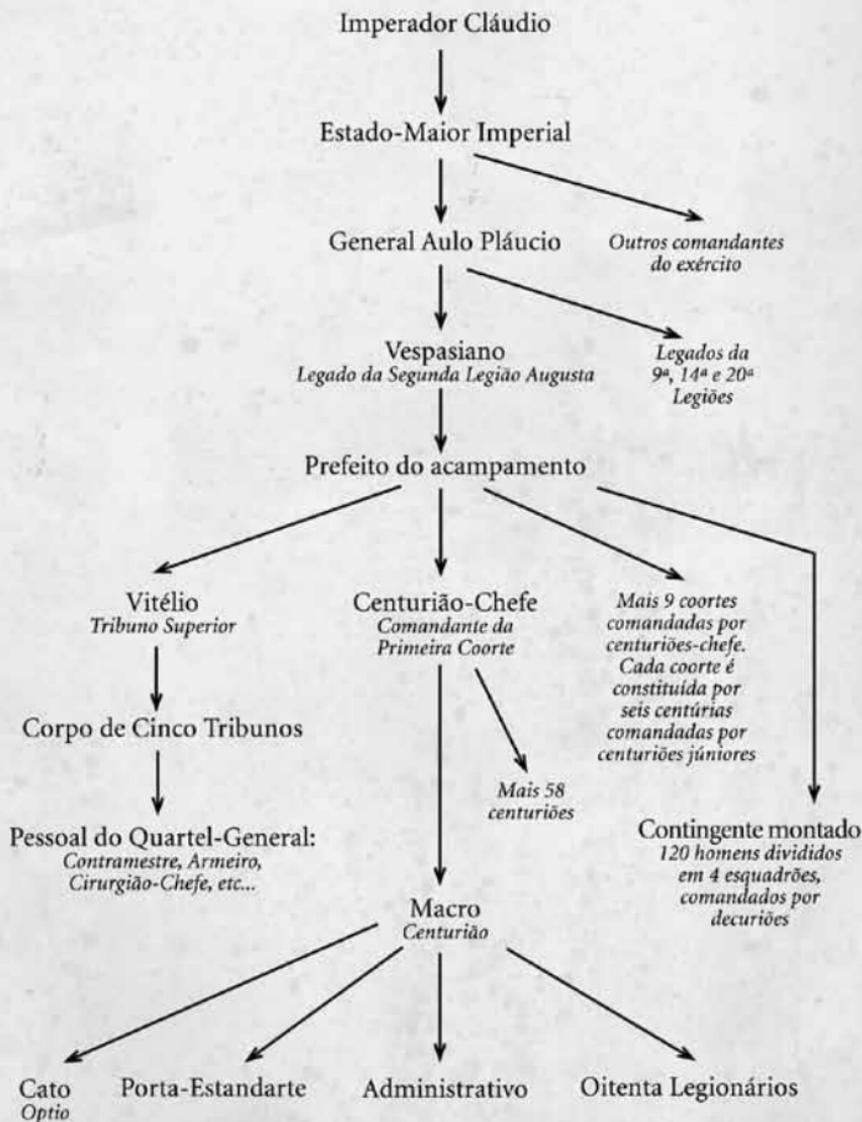
Impressão e acabamento: Tipografia Guerra - Viseu

Depósito legal n.º 296443/09

Acabou de imprimir-se em Agosto de 2009

ISBN: 978-989-637-146-3

A CADEIA DE COMANDO ROMANA EM 43 D.C.



ORGANIZAÇÃO DE UMA LEGIÃO ROMANA

A Segunda Legião, como todas as legiões romanas, era constituída por cerca de cinco mil e quinhentos homens. A unidade básica era a centúria de oitenta homens comandada por um centurião, auxiliado por um *optio*, o segundo no comando. A centúria dividia-se em secções de oito homens que compartilhavam uma divisão de casernas, ou uma tenda quando estavam em campanha. Seis centúrias formavam uma coorte e dez coortes uma legião; a primeira coorte era dupla. Cada legião era acompanhada por uma unidade de cavalaria de cento e vinte homens, distribuída por quatro esquadrões, que executavam as funções de batedores ou mensageiros. Em ordem descendente, estas eram as patentes principais:

O *legado*, de ascendência aristocrática, com cerca de trinta anos, dirigia a legião por um máximo de cinco anos. O seu objectivo era o de construir uma boa reputação, a fim de melhorar a sua subsequente carreira política.

O *prefeito do acampamento* era, normalmente, um veterano de idade avançada que tinha sido centurião-chefe da legião e se encontrava no auge da carreira militar. Considerado uma pessoa íntegra e de vasta experiência, era o responsável pelo comando da legião quando o legado se ausentava ou tombava em combate.

Seis *tribunos* serviam como oficiais do estado-maior. Eram homens jovens, nos seus vinte anos,

que integravam pela primeira vez o exército, de modo a adquirir experiência no âmbito administrativo, antes de assumirem o cargo de oficial subalterno na administração civil. O tribuno superior, pelo contrário, estava destinado a altos cargos políticos e ao eventual comando de uma legião.

Sessenta *centuriões* encarregavam-se da disciplina e instrução da legião. Eram zelosamente escolhidos pelas suas capacidades de comando e pela sua prontidão em lutarem até à morte. Não é de estranhar, assim, que o número de baixas entre estes superasse em muito o índice de baixas nos outros postos. O centurião de maior experiência dirigia a primeira centúria da primeira coorte, sendo uma pessoa respeitada e condecorada.

Os quatro *decuriões* da legião tinham sob o seu comando os esquadrões de cavalaria, e aspiravam a ascender a comandantes das unidades auxiliares de cavalaria.

Cada centurião era auxiliado por um *optio*, que desempenhava a função de ordenança, com serviços de comando menores. Os *optios* aspiravam a ocupar uma vaga no posto de centurião.

No escalão inferior ao dos *optios* encontravam-se os *legionários*, homens que se tinham alistado por um período de vinte e cinco anos. Em teoria, só se recrutavam cidadãos romanos, mas cada vez mais eram aceites homens de outros povos, e outorgava-se-lhes a cidadania romana ao juntarem-se às legiões.

Os elementos das coortes auxiliares eram de uma categoria inferior à dos legionários. Originários das províncias romanas, serviam o Império na cavalaria, infantaria

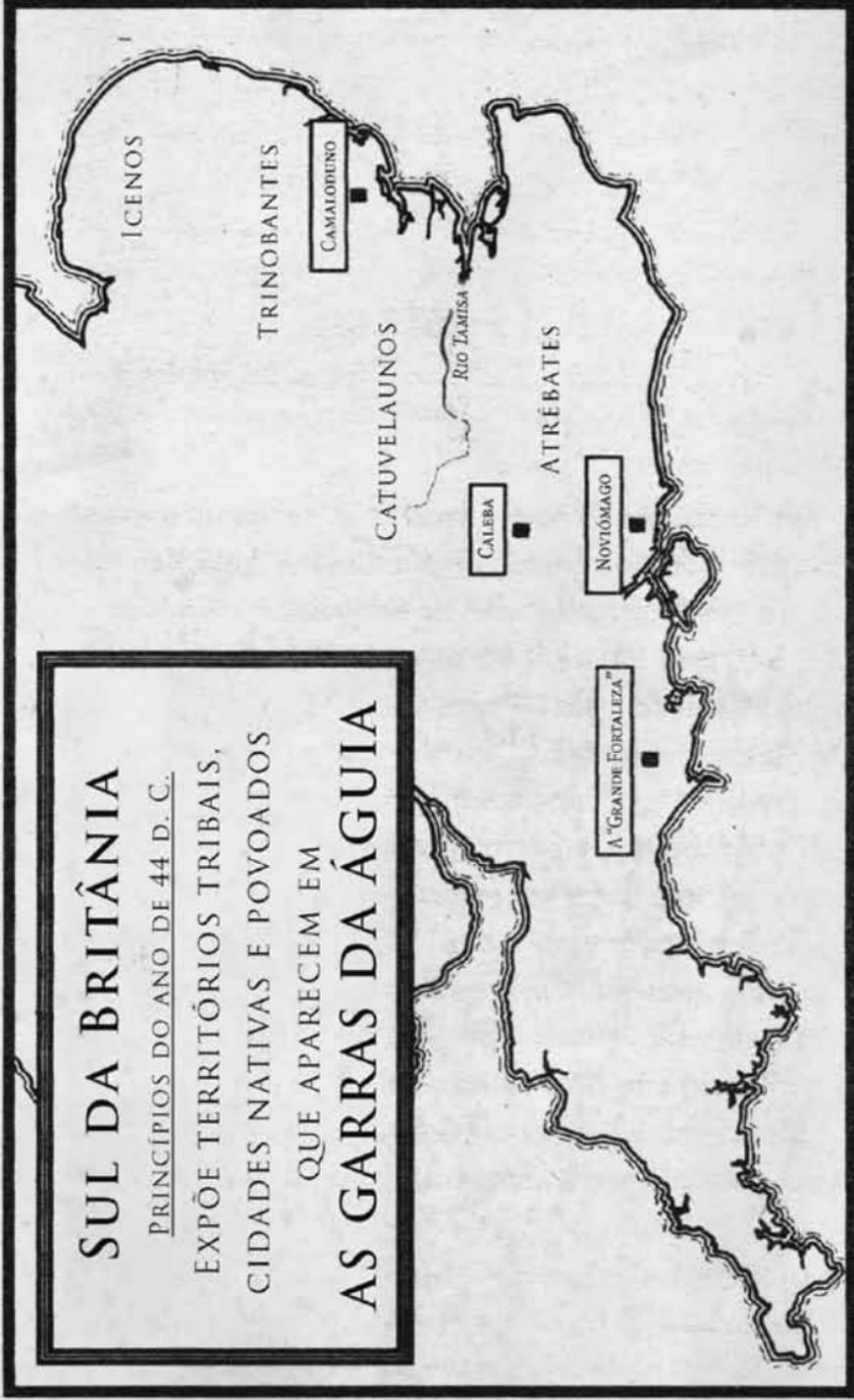
ligeira e noutras técnicas especializadas. Uma vez cumpridos vinte e cinco anos de serviço era-lhes concedida a cidadania romana.

SUL DA BRITÂNIA

PRINCÍPIOS DO ANO DE 44 D. C.

EXPÕE TERRITÓRIOS TRIBAIS,
CIDADES NATIVAS E POVOADOS
QUE APARECEM EM

AS GARRAS DA ÁGUA



I

— Não creio que o mais alto tenha quaisquer hipóteses — murmurou o centurião Macro.

— E porquê, senhor?

— Olha para ele, Cato! O homem é só pele e ossos. Não aguenta muito contra o opositor. — Macro acenou para o outro lado da arena improvisada onde um prisioneiro atarracado estava a ser equipado com um escudo e uma espada curta. O homem pegou nas armas pouco familiares com relutância e avaliou o seu oponente. Cato olhou para o alto e magro bretão, nu excepto por uma pequena tanga em pele. Um dos legionários designados para os serviços da arena atirou-lhe um tridente comprido para as mãos. O bretão ergueu o tridente à experiência e ajustou a pressão para obter o melhor balanço. Parecia ser um homem que conhecia as suas armas e que se movia com uma certa segurança.

— Aposto no mais alto — decidiu Cato.

Macro deu meia volta. — Estás doido? Olha para ele.

— Já olhei, senhor. E apoio o meu julgamento com dinheiro.

— O teu julgamento? — As sobranceiras do centurião ergueram-se. Cato só se alistara no último Inverno, carne fresca e jovem vinda do agregado imperial de Roma. Legionário há apenas um ano e já fazia apreciações como um veterano.

— Que seja como tu queres, então. — Macro acenou em concordância e sentou-se à espera que a luta começasse. Era o último combate dos jogos organizados pelo legado, Vespasia-

no, num pequeno vale no meio do acampamento da Segunda Legião. No dia seguinte as quatro legiões e as suas forças de apoio estariam novamente em marcha, conduzidas pelo General Plúcio na sua determinação de cercar Camulodónia antes da aproximação do Outono. Se a capital inimiga caísse, a coligação de tribos britânicas, liderada por Carátaco de Catuvelânio, seria destruída. Os quarenta mil homens liderados por Plúcio eram tudo o que o Imperador podia dispensar para a invasão audaz das misteriosas ilhas junto à costa da Gália. Todos os homens do exército sabiam que eram superados em número pelos bretões. Mas por enquanto o inimigo estava disperso. Se os romanos pudessem atacar rapidamente no coração da resistência britânica antes que o desequilíbrio do número pesasse mais contra as legiões, a vitória estaria ao seu alcance. A vontade de avançar estava em todos os corações, apesar das legiões estafadas estarem gratas pelo descanso de um dia e pelo entretenimento das lutas.

Vinte bretões foram emparelhados entre si e equipados com uma variedade de armas. Para tornar as coisas mais interessantes, os pares foram tirados à sorte de um elmo de legionário, e uma mão-cheia de combates tornou-se divertidamente desequilibrada. Como este último combate.

O porta-estandarte da legião agia como mestre-de-cerimónias e aproximou-se a passos largos do centro da arena, agitando os braços a pedir silêncio. Os seus assistentes apresaram-se a recolher as últimas apostas e Cato sentou-se junto ao seu centurião, tendo apostado cinco contra um. Nada de espantoso, mas apostara um mês de salário e, se o homem ganhasse, Cato obteria uma boa quantia. Macro apostara no oponente musculoso da espada e escudo. Menos dinheiro,

com probabilidades mais seguras, tendo em conta a análise dos lutadores.

— Silêncio! Silêncio aí! — bramava o porta-estandarte. Apesar da atmosfera festiva, o controlo automático da disciplina estendeu-se sobre os legionários presentes. Num instante cerca de dois mil soldados a gritar e a gesticular silenciaram as vozes e sentaram-se para que o combate começasse.

— Último combate, então! À minha direita apresento-vos um espadachim, bem constituído e exímio guerreiro, segundo ele afirma.

A multidão gritou trocista. Se o bretão era assim tão bom, porque lutava agora pela vida tendo sido feito prisioneiro? O espadachim riu com desprezo para a assistência e levantou os braços subitamente, soltando um grito de guerra desafiador. Os legionários vaiaram em resposta. O porta-estandarte permitiu que o barulho continuasse por mais um bocado antes de pedir silêncio novamente. — À minha esquerda temos o tridente. Afirma ser vassalo de um senhor qualquer. Transportador de armas de profissão, mas não um utilizador. Portanto, isto vai ser rápido e agradável. Agora, seus bastardos preguiçosos, lembrem-se que os trabalhos recomeçam logo após o sinal do meio-dia.

A multidão grunhiu demasiado para ser convincente, e o porta-estandarte sorriu amigavelmente. — Pois então, lutadores... aos vossos lugares!

O porta-estandarte afastou-se do centro da arena, uma superfície relvada, manchada de brilhantes pedaços carmesim onde os lutadores anteriores tinham sucumbido. Os concorrentes foram posicionados por detrás de dois montículos de erva, de frente um para o outro. O espadachim ergueu a sua

curta espada e o escudo e encolheu-se numa posição de combate. Por oposição, o tridente segurou a sua arma verticalmente e quase parecia apoiar-se nela, com uma expressão indecifrável no rosto. Um legionário deu-lhe um pontapé e disse-lhe para se preparar. O tridente limitou-se a esfregar o sítio magoado.

— Espero que não tenhas apostado muito naquele ali — comentou Macro.

Cato não respondeu. O que é que o tridente estaria a armar? Onde estava a segurança de há momentos atrás? O homem parecia despreocupado, como se toda a manhã não tivesse passado de um exercício aborrecido ao invés de uma série de combates até à morte. Era bom que estivesse a representar.

— Comecem! — gritou o porta-estandarte.

Ao som deste grito, o espadachim grunhiu e precipitou-se para cima do seu oponente a cinco metros de distância. O tridente baixou o cabo da sua arma e apontou as serrilhas à garganta do homem mais baixo. O grito de guerra morreu à medida que este último baixava a cabeça, atirava o tridente para o lado e dava uma estocada para um ataque rápido. Mas a resposta foi cuidadosamente trabalhada. Em vez de tentar recuperar a ponta do tridente, o bretão alto permitiu que o cabo desse a volta e batesse contra o lado da cabeça do espadachim. O seu oponente caiu no chão, momentaneamente baralhado. Num ápice, o tridente inverteu a arma e avançou para matar.

Cato sorriu.

— Põe-te de pé, bastardo sonolento! — gritou Macro, com as mãos em concha.

O tridente lançou-se sobre a figura no chão, mas uma espada frenética subiu para o seu pescoço. O tridente agora sangrava mas apenas de um golpe no ombro. As pessoas da assis-

tência que tinham feito apostas elevadas gemiam em consternação enquanto o espadachim rebolava para o lado e se punha de pé. Ele arfava, de olhos muito abertos; toda a sua arrogância desaparecera, agora que tinha sido habilmente humilhado. O seu alto oponente arrancou o tridente do chão e encolheu-se, com uma expressão feroz a deformar-lhe o rosto. Não haveria mais fingimento a partir de agora, apenas uma prova de força e habilidade.

— Acaba com isso! — gritava Macro. — Espeta-o na barriga!

Cato permanecia sentado em silêncio, demasiado inibido para se juntar à gritaria, mas incentivando com urgência o seu homem, apesar da sua habitual aversão a este tipo de lutas.

O espadachim moveu-se rapidamente para o lado, testando as reacções do outro para ver se o movimento anterior não teria sido um golpe de sorte. Mas um instante depois as pontas do tridente estavam de novo em contacto com a sua garganta. A multidão aplaudiu em concordância. Afinal seria um bom combate.

De repente o tridente investiu, igualado pelo salto equilibrado para trás do seu oponente, e a multidão voltou a aplaudir.

— Belo movimento! — Macro bateu com um punho na palma da outra mão. — Se tivéssemos enfrentado outros como este, éramos nós quem estaria a lutar ali agora. Estes dois são bons, muito bons.

— Sim, senhor — replicou rigidamente Cato, de olhos fixos no par que rodava um à volta do outro, na relva ensanguentada. O Sol resplandecia sobre o espectáculo. Os pássaros que cantavam nos carvalhos que rodeavam o vale pareciam

deslocados. Por um momento, Cato sentiu-se perturbado pela comparação entre os soldados excitados pela luta, animando os dois homens para a morte, e a plácida harmonia da natureza selvagem. Ele sempre desaprovava os espectáculos de gladiadores quando morava em Roma, mas não podia manifestar essa aversão perante uma companhia de soldados que viviam pelo código do sangue, da batalha e da disciplina.

Ouviu-se um som metálico e uma troca frenética de golpes. Sem nenhuma vantagem ganha, os dois reassumiram a movimentação em círculo. Um crescente ambiente de frustração tornou-se evidente nas exclamações dos legionários que assistiam, e o porta-estandarte pediu a aproximação dos ferros em brasa às costas dos lutadores, ferros negros marcados de vermelho, com pontas incandescentes a agitarem-se no ar. Sobre o ombro do espadachim, o tridente apercebeu-se do perigo que se aproximava e desencadeou um ataque de fúria, embatendo na espada do homem mais baixo, tentando retirar a lâmina do seu alcance. O espadachim bateu-se pela vida, utilizando a espada e o escudo conforme ia sendo forçado a recuar em direcção à extremidade da arena, mesmo ao encontro dos ferros em brasa.

— Vamos lá! — gritou Cato, agitando o punho, envolvido na excitação. — Já o venceste!

Um guincho agudo cortou o ar quando os ferros em brasa entraram em contacto com as costas do espadachim e este se retraiu por instinto, directamente para as pontas afiadas do tridente. Grunhiu quando uma ponta lhe atravessou a coxa quase até à anca, e voltou a sair com um esguicho espesso de sangue que correu pela perna e pingou na relva. O espadachim afastou-se rapidamente dos ferros em brasa e tentou impor

alguma distância entre si e as pontas traiçoeiras do tridente. Aqueles que tinham apostado nele aumentaram o seu apoio, incentivando-o a encurtar a distância e a atacar o tridente enquanto ainda podia.

Cato viu que o tridente sorria, ciente de que o tempo estava do seu lado. Só precisava de manter o seu oponente à distância o tempo suficiente para que a perda de sangue o enfraquecesse. E depois aproximar-se para o golpe final. Mas a multidão não estava com disposição para esperar, e vaiou-o furiosamente quando o tridente se afastou do inimigo ensanguentado. Vieram novamente os ferros em brasa. Desta vez o espadachim procurou a vantagem, sabendo que o seu tempo para uma acção eficaz era curto. Correu para o tridente, lançando golpes com a ponta da espada, forçando o bretão alto a recuar. Mas o tridente não ia cair no mesmo erro. Deslizou a mão pelo cabo e apontou-o para as pernas do espadachim, depois correu para o lado, para longe dos ferros. O homem baixo saltou de forma estranha e perdeu o equilíbrio.

Sucedeu-se uma série frenética de estocadas e golpes e depois Cato reparou que o espadachim estava a oscilar, os seus passos tornando-se cada vez mais incertos à medida que o sangue se esvaía do seu corpo. Mais uma investida do tridente foi desviada, mas à justa. Depois disso a força do espadachim pareceu ceder, e ele afundou-se lentamente de joelhos, com a espada a agitar-se na mão.

Macro levantou-se de um salto. — Põe-te de pé! Põe-te de pé antes que ele te trespasse!

Toda a multidão se levantou, sentindo que o fim do combate estava próximo, a maioria incentivando desenfadadamente o espadachim a levantar-se.

O tridente investiu novamente, prendendo a espada entre as pontas do tridente. Uma torção rápida e a lâmina saltou do punho do espadachim e aterrou a vários metros dele. Sabendo que estava tudo perdido, o espadachim caiu de costas, à espera de um fim rápido. O tridente soltou o seu grito de vitória e moveu o punho para a frente, aproximando-se do seu oponente para lhe dar o golpe final. Com uma perna de cada lado do ensanguentado espadachim, levantou bem alto o tridente. De repente, o escudo do espadachim ergueu-se num desespero selvagem e embateu na virilha do homem mais alto. Com um gemido profundo o tridente vergou-se. A multidão exultou. Uma segunda pancada do escudo esmagou o rosto do homem e ele caiu sobre a relva, com a arma a desprender-se do punho conforme apertava o nariz e os olhos. Mais duas pancadas na cabeça com o escudo e o tridente estava acabado.

— Uma força maravilhosa! — Macro movia-se para cima e para baixo. — Extraordinariamente maravilhosa!

Cato abanava a cabeça amargamente, e amaldiçoava a arrogância do tridente. Nunca se devia supor que o nosso inimigo estava derrotado simplesmente porque assim parecia. Não tinha o tridente pregado essa mesma partida no início do combate?

O espadachim levantou-se, muito mais facilmente do que um homem seriamente ferido faria, e recuperou rapidamente a sua espada. O final foi misericordioso, o tridente foi para junto dos deuses com um golpe certo no coração.

Então, enquanto Cato, Macro e a multidão observavam, algo muito estranho aconteceu. Antes que o porta-estandarte e o seu assistente pudessem desarmar o espadachim, o bretão

ergueu os braços e lançou um desafio. Num latim rudemente pronunciado, exclamou: — Romanos! Romanos! Vejam!

Levantou a espada, inverteu o punho, e, com ambas as mãos, espetou-a no seu peito. Balançou durante um momento, a cabeça a pender para trás, e depois caiu abruptamente sobre a relva ao lado do corpo do tridente. A multidão silenciou-se.

— Por que raios fez ele aquilo? — murmurou Macro.

— Talvez soubesse que as suas feridas eram fatais.

— Podia ter sobrevivido — replicou Macro com ressentimento. — Nunca se saberá.

— Sobreviveria apenas para se tornar um escravo. Talvez não quisesse isso, senhor.

— Então era tolo.

O porta-estandarte, preocupado com o espírito da assistência, avançou rapidamente, de braços no ar. — Certo, rapazes, é assim. O combate acabou. Declaro vencedor o espadachim. Paguem as apostas vencedoras, e depois regressem às vossas obrigações.

— Espera! — exclamou uma voz. — Foi um empate! Estão os dois mortos.

— O espadachim venceu — respondeu o porta-estandarte.

— Ele estava acabado. O tridente tê-lo-ia sangrado até à morte.

— Teria, — concordou o porta-estandarte, — se não tivesse estragado tudo no final. A minha decisão é final. O espadachim ganhou e todos devem pagar as suas dívidas. Ou terão de se haver comigo. Agora, de volta às vossas obrigações!

A assistência dispersou, caminhando enfileirada por entre os carvalhos em direcção às tendas, enquanto os assisten-

tes do porta-estandarte colocavam os corpos nas traseiras de uma carroça, junto aos derrotados dos combates anteriores. Enquanto Cato esperava, o seu centurião apressou-se para recolher os ganhos junto do porta-estandarte da coorte, cercado por uma pequena multidão de legionários agarrando firmemente as chapas numeradas. Macro regressou passado pouco tempo, pesando alegremente as moedas na sua bolsa.

— Não foi a aposta mais lucrativa que já fiz, mas, de qualquer maneira, é sempre bom ganhar.

— Suponho que sim, senhor.

— Porquê essa cara aborrecida? Oh, é claro. O teu dinheiro foi com aquele presunçoso do tridente. Quanto perdeste?

Cato disse-lhe, e Macro assobiou.

— Bem, jovem Cato, parece que ainda tens muito que aprender sobre lutadores.

— Sim, senhor.

— Não importa, rapaz. Virá com o tempo. — Macro bateu-lhe no ombro. — Vamos ver se alguém tem um vinho decente para vender. Depois disso temos trabalho para fazer.

Ao observar os seus homens a abandonar o vale, sob a sombra de um grande carvalho, o comandante da Segunda amaldiçoou secretamente o espadachim. Os homens precisavam urgentemente de algo que lhes afastasse o pensamento da campanha que se aproximava, e o espectáculo dos prisioneiros bretões a baterem-se entre si deveria ter sido divertido. De facto, tinha sido divertido, até ao final do último combate. Os homens tinham-se sentido animados. Depois aquele bretão desgraçado escolhera aquele momento para um acto inútil de desafio. Ou não tão inútil, ponderou o legado sombriamente. Talvez o sacrifício do bretão tenha

procurado propositadamente arruinar as diversões para levantar a moral.

Com as mãos firmemente apertadas atrás das costas, Vespasiano afastou-se lentamente da sombra para a luz do Sol. Sem dúvida que a estes bretões não lhes faltava inteligência. Como a maioria das culturas guerreiras, agarravam-se a um código de honra que permitia que abraçassem a guerra com uma arrogância imprudente e uma ferocidade terrível. O mais preocupante era o facto de que esta coligação alargada de tribos britânicas era dirigida por um homem que sabia bem como usar as suas forças. Vespasiano sentia um respeito ressentido pelo líder dos bretões, Carátaco, chefe dos catuvelânios. Aquele homem ainda tinha mais truques na manga, e o exército romano do General Aulo Pláucio deveria tratar o inimigo com mais respeito do que fizera até ali. A morte do espadachim ilustrava demasiado bem a natureza impiedosa desta campanha.

Pondo de lado os pensamentos acerca do futuro, Vespasiano encaminhou-se para a tenda hospital. Havia um assunto desagradável a tratar que não podia adiar por mais tempo. O centurião-chefe da Segunda Legião tinha sido mortalmente ferido numa emboscada recente, e queria falar com ele antes de morrer. Bestia tinha sido um soldado exemplar, ganhando o apreço, a admiração e o receio dos homens ao longo da sua carreira militar. Lutara em muitas guerras por todo o Império, e tinha as cicatrizes para o provar. E agora sucumbira sob uma espada britânica numa escaramuça que não figuraria na História. Era assim a vida militar, reflectiu com amargura Vespasiano. Quantos heróis desconhecidos andavam por aí à procura da morte enquanto políticos inúteis e funcionários imperiais usurpavam os louros?

Vespasiano pensou no seu irmão, Sabino, que ocorrera vindo de Roma para servir com o pessoal do General Pláucio enquanto ainda havia alguma glória a receber. Sabino, como a maioria dos seus pares políticos, via o inimigo apenas em termos de mais um degrau na sua carreira. O cinismo da alta política enchia Vespasiano com uma fúria fria. Era mais do que provável que o Imperador Cláudio estivesse a usar a invasão para fortalecer o seu lugar no trono. Caso as legiões conseguissem subjugar a Bretanha, haveria despojos e escravos suficientes para olear as rodas do Império. Alguns homens fariam fortunas, enquanto outros obteriam cargos elevados, e o dinheiro fluiria para os gananciosos cofres imperiais. A glória de Roma seria reafirmada e aos seus cidadãos seriam dadas provas de que os deuses tinham abençoado o destino de Roma, muito embora houvesse homens para quem tão grandes realizações pouco significavam, pois eles só avaliavam os acontecimentos em termos de oportunidades apresentadas para o seu crescimento pessoal.

Esta ilha selvagem, com as suas agitadas tribos feudais, poderia um dia obter os benefícios da ordem e da prosperidade conferidos pela lei romana. Tal extensão de civilização era uma causa digna de luta, e era com este objectivo que Vespasiano servia Roma e tolerava aqueles romanos acima dele – pelo menos por enquanto. Antes disso, era preciso ganhar a campanha actual. Dois importantes rios tinham de ser atravessados, face à resistência feroz dos nativos. Para além dos rios ficava a capital dos Catuvelânios – a mais poderosa tribo britânica a enfrentar Roma. Graças à sua expansão desmedida nos últimos anos, os catuvelânios absorveram os trinovânios e a sua próspera cidade comercial de Camulodónia. Agora muitas das outras tribos

viam Carátaco com quase tanto receio como viam os romanos. Por isso, Camulodónia tinha de ceder antes do Outono, para demonstrar a essas tribos rebeldes que era inútil resistir a Roma. Mesmo assim, haveria mais campanhas, mais anos de conquista, antes que cada parte desta ilha fosse incorporada no Império. Se as legiões não conseguissem Camulodónia, então Carátaco certamente ganharia o apoio das tribos insubmissas e reuniria homens suficientes para esmagar o exército romano.

Com um suspiro cansado Vespasiano curvou-se sob a portinhola da tenda hospital e acenou cumprimentando o cirurgião superior da legião.

II

— Bestia morreu.

Cato tirou o olhar da papelada quando o centurião Macro entrou na tenda. A chuva de Verão que caía sobre a pele de cabra abafara a voz de Macro.

— Senhor?

— Disse que Bestia morreu! — gritou Macro. — Morreu esta tarde.

Cato assentiu. A notícia era esperada. O rosto do velho centurião-chefe tinha sido aberto até ao osso. Os cirurgiões da legião fizeram tudo o que puderam para tornar os seus últimos dias o mais confortáveis possível, mas a perda de sangue, o maxilar despedaçado e a subsequente infecção haviam tornado a morte inevitável. O primeiro instinto de Cato foi o de alegrar-se com a notícia. Bestia tinha tornado a sua vida numa miséria durante os meses que passara na recruta. De facto, o centurião-chefe parecia gostar de se meter com ele e um ódio latente crescera dentro de Cato em resposta.

Macro desapertou o seu casaco molhado e atirou-o para um banco que estava em frente às brasas. O vapor de uma diversidade de vestimentas a secar noutros bancos elevava-se num feixe alaranjado, e adicionava-se à húmida atmosfera da tenda. Se a chuva lá fora era o melhor tempo que o Verão bretão podia oferecer, Macro perguntava-se se valia a pena conquistar aquela ilha. Os exilados bretões que acompanhavam as legiões diziam que a ilha possuía vastos recursos de metais

preciosos e solos ricos para a agricultura. Macro encolheu os ombros. Os exilados podiam estar a dizer a verdade, mas tinham as suas próprias razões para quererem que Roma triunfasse sobre o seu próprio povo. A maioria tinha perdido terras e títulos às mãos dos catuvelânios e esperava recuperar ambos como recompensa pela ajuda a Roma.

— Imaginas quem substituirá Bestia? — ponderou Macro.
— Vai ser interessante ver quem é que Vespasiano vai escolher.

— Alguma hipótese para si, senhor?

— Dificilmente, rapaz — desdenhou Macro. O seu jovem optio não era membro da Segunda Legião assim há tanto tempo e ainda desconhecia os procedimentos de promoção do exército. — Estou fora da corrida para esse cargo. Vespasiano tem de escolher entre os centuriões sobreviventes da Primeira Coorte. São os melhores oficiais da legião. Tens que ter muitos anos de serviço excelente para seres considerado para uma promoção para a Primeira Coorte. Estarei no comando da Sexta Centúria da Quarta Coorte ainda durante uns tempos, penso. Aposto que esta noite há alguns homens muito ansiosos na messe da Primeira Coorte. Não é todos os dias que se escolhe um centurião-chefe.

— Não estarão de luto, senhor? Quero dizer, Bestia era um deles.

— Penso que sim. — Macro encolheu os ombros. — Mas essa é a sorte da guerra. Qualquer um de nós podia ter atravessado o Estige. Aconteceu no turno de Bestia. De qualquer forma, ele teve o seu tempo no mundo. Daqui a dois anos teria sido mandado para uma aborrecida colónia de veteranos. Antes ele do que outro com alguém à espera, como a maioria dos pobres imbecis que duram tanto. E agora, neste mesmo

instante, existem algumas vagas para serem preenchidas no centuriato. — Macro sorriu com a perspectiva. Tinha poucas semanas a mais como centurião do que Cato como legionário e fora o centurião mais jovem da legião. Mas os bretões tinham morto dois centuriões da Quarta Coorte, o que queria dizer que estava oficialmente em quarto lugar em termos de antiguidade, com a perspectiva agradável de ver apontados dois novos centuriões para comandar. Olhou para cima e arreganhou os dentes para o seu optio.

— Se esta campanha durar mais alguns anos, talvez até tu chegues a centurião!

Cato sorriu para o cumprimento irónico. As probabilidades eram de que a ilha fosse conquistada bem antes de alguém lhe creditar experiência e maturidade suficientes para o Centuriato. Na tenra idade de dezassete anos essa perspectiva estava muito distante. Suspirou e pegou na placa de cera na qual estivera a trabalhar.

— O relatório da força de efectivos, senhor.

Macro ignorou a placa. Mal conseguindo ler e escrever, achava que era melhor tentar evitar ambos se fosse de todo possível; dependia muito do seu optio para assegurar que os registos da Sexta Centúria se mantinham em ordem. — Então?

— Temos seis no hospital de campanha, dois dos quais não deverão sobreviver. O cirurgião superior disse-me que três dos outros terão de ser desvinculados do exército. Serão transferidos para a costa esta tarde. Deverão estar de volta a Roma no fim do ano.

— E depois o quê? — Macro abanou a cabeça com tristeza. — Um retiro gratuito e o resto da vida passada a mendigar nas ruas. Grande miséria de vida.

Cato assentiu. Quando criança vira os veteranos inválidos a suplicarem por uma ração nas alcovas imundas do fórum. Se perdessem um membro ou sofressem um ferimento incapacitante, era esse o estilo de vida que se proporcionava à grande maioria. A morte talvez tivesse sido mais misericordiosa para tais homens. Uma súbita imagem dele próprio mutilado, condenado à pobreza e um objecto de pena e escárnio, fez com que Cato estremecesse. Não tinha família na qual procurar apoio. A única pessoa que gostava dele fora do exército era Lavínia. E agora estava bem longe, a caminho de Roma, com os outros escravos ao serviço de Flávia, a esposa do comandante da Segunda Legião. Cato não podia contar com isso: se o pior acontecesse, Lavínia conseguiria amar um aleijado? Ele sabia que não suportaria a pena dela, ou que ela ficasse com ele por obrigação.

Macro sentiu uma mudança na atitude do jovem. Era estranho, considerou, quão ciente ficara dos humores do rapaz. Todos os optios que conhecera não passavam de legionários, mas Cato era diferente. Muito diferente. Inteligente, literato, e um soldado com provas dadas, embora um crítico perverso de si mesmo. Se vivesse tempo suficiente, Cato construiria certamente um nome respeitado. Macro não percebia porque é que o optio não estava ciente disso, e tendia a olhar Cato com um misto de diversão e admiração.

— Não te preocupes, rapaz. Vais sobreviver a esta. Se tivesses que ficar pelo caminho, já terias ficado. Sobreviveste à pior vida que o exército te pôde atirar. Vais andar cá por uns tempos, por isso, anima-te.

— Sim, senhor — respondeu Cato, calmamente. As palavras de Macro soavam a um falso conforto, como a morte de grandes soldados, como Bestia demonstrava.

— Onde é que íamos?

Cato olhou para a placa de cera. — O último homem no hospital está a recuperar bem. A espada rasgou-lhe a coxa. Estará de pé daqui a mais alguns dias. Há também quatro feridos que não estão no hospital. Regressarão à nossa força de combate em breve. Deixa-nos com cinquenta e oito efectivos, senhor.

— Cinquenta e oito. — Macro franziu o cenho. A Sexta Centúria tinha sofrido bastante às mãos dos bretões. Tinham chegado à ilha com oitenta homens. Agora, apenas alguns dias passados, haviam perdido dezoito para sempre.

— Há notícias dos reforços, senhor?

— Não receberemos nenhuns enquanto o pessoal não organizar um embarque da junta de reserva na Gália. Leva-lhes uma semana ou mais antes de conseguirem enviar um barco através do Canal desde Gesoriaco. Só se juntarão a nós depois da próxima batalha.

— Próxima batalha? — Cato sentou-se, ansioso. — Que batalha, senhor?

— Calma, rapaz. — Macro sorriu. — O legado informou-nos na reunião. Vespasiano recebeu ordens do General. Parece que o exército chegou a um rio, um rio bonito, grande e largo. E do outro lado Carátaco aguarda-nos com os seus homens, carros e tudo.

— É muito longe daqui, senhor?

— A Segunda deve chegar ao rio amanhã. Aulo Pláucio não pretende passear, aparentemente. Vai lançar o ataque na manhã seguinte, assim que estejamos em posição.

— Como é que chegamos até eles? — perguntou Cato. — Quero dizer, como atravessamos o rio? Há alguma ponte?

— Achas mesmo que os bretões iam deixar uma de pé? — Macro abanou a cabeça aborrecido. — Não, o General ainda tem que resolver isso.

— Acha que nos vai mandar em primeiro lugar?

— Duvido. Fomos muito maltratados pelos bretões. Os homens ainda estão muito abalados. Deves ter sentido isso.

Cato assentiu. A baixa moral da legião era palpável nos últimos dias. Pior ainda, ele ouvira os homens a criticar abertamente o legado, responsabilizando Vespasiano pelas pesadas baixas sofridas desde que tinham acostado em solo bretão. Que Vespasiano tivesse combatido o inimigo na fileira da frente, junto aos seus homens, não contava muito para a maior parte dos legionários que não testemunharam a sua bravura em pessoa. Da maneira como as coisas estavam, havia um ressentimento considerável e uma falta de confiança nos oficiais superiores da legião, e isso não pressagiava nada de bom para a próxima batalha com os bretões.

— É melhor vencermos esta — disse Macro calmamente.

— Sim, senhor.

Permaneceram ambos em silêncio durante uns momentos enquanto olhavam as chamas flamejantes no braseiro. Depois um ronco alto do estômago do centurião mudou abruptamente o seu pensamento para outros assuntos mais importantes.

— Estou esfomeado. Há alguma coisa para comer?

— Aí na mesa, senhor. — Cato apontou para um pedaço negro de pão e outro de porco salgado numa tigela da messe. Um pequeno jarro de vinho com água estava ao lado de um copo prateado, uma lembrança de uma das primeiras campanhas de Macro. O centurião franziu o sobrolho enquanto olhava para a carne.

— Ainda não há carne fresca?

— Não, senhor. Carátaco tem feito um trabalho metuculo-
so ao limpar a terra à frente da nossa linha de marcha. Os
batedores dizem que quase todas as colheitas e quintas foram
queimadas até às margens do Tamesis, e os bretões têm levado
os víveres com eles. Estamos dependentes de tudo o que vier
do nosso depósito de aprovisionamento em Rutúpia.

— Estou farto de porco salgado. Não podes arranjar mais
nada? Piso ter-nos-ia arranjado melhor do que isto.

— Sim, senhor — respondeu Cato, ressentido. Piso, o ta-
belião do centurião, era um veterano que conhecia todas as ar-
timanhas e esquemas, e os homens da Centúria haviam bene-
ficiado muito com ele. Apenas alguns dias antes, Piso, a menos
de um ano da desvinculação com honras, fora cortado de alto
a baixo pelo primeiro bretão que encontrara. Cato aprendera
muito com o tabelião, mas os segredos mais arcanos da buro-
cracia militar tinham morrido com ele, e Cato dependia agora
de si próprio.

— Vou ver o que posso fazer acerca das rações, senhor.

— Boa! — assentiu Macro enquanto, com uma careta,
dava uma dentada na carne de porco e começava o longo pro-
cesso de mastigação para lhe dar uma consistência suficien-
temente suave para engolir. Enquanto mastigava continuou a
resmungar. — Se isto continuar assim deixo a legião e abraço a
fé judaica. Qualquer coisa deve ser melhor do que ter que atu-
rar isto. Não sei que raio é que esses sacanas do comissariado
fazem aos porcos. Pensava que era quase impossível estragar
algo tão simples como um porco salgado.

Cato já ouvira isto antes, e pegara de novo na papelada. A
maior parte dos mortos tinha deixado testamentos legando as

suas propriedades rurais aos amigos. Mas alguns dos nomeados como beneficiários também tinham morrido, e Cato tinha que localizar a ordem dos testamentos através dos documentos para assegurar que as possessões acumuladas chegavam aos destinatários correctos. Os familiares daqueles que haviam morrido sem testamento tinham que requerer uma notificação para poderem reclamar as economias do homem ao Tesouro da legião. Para Cato, a execução de testamentos era uma nova experiência, e uma vez que a responsabilidade era sua, não se atrevia a correr riscos que pudessem conduzir a um processo judicial contra si. Por isso, lia atentamente a documentação e confirmava e reconfirmava as contas de cada homem à vez, antes de mergulhar o seu estilete num pequeno tinteiro em cerâmica e escrever a declaração final de posse e o seu destino.

A dobra da tenda abriu-se e um tabelião do quartel-general entrou apressadamente, o seu capote encharcado a pingar por todos os lados.

— Afasta-te do meu trabalho! — gritou Cato, enquanto cobria os pergaminhos empilhados em cima da secretária.

— Desculpe. — O tabelião do quartel-general recuou até à aba da tenda.

— E que raio queres tu? — perguntou Macro dando uma dentada num naco de pão acastanhado.

— Mensagem do legado, senhor. Quer vê-lo a si e ao seu optio na tenda dele, tão cedo quanto vos seja possível.

Cato sorriu. O uso dessa expressão num oficial superior significava *já*, de preferência mais cedo ainda. Ordenando rapidamente os documentos na pilha, e assegurando-se que nenhuma das fugas da tenda afectavam a sua secretária de campanha, Cato levantou-se e pegou no capote que estava mesmo

em frente ao braseiro. Ainda estava pesado com a humidade e sentiu-o pegajoso quando o colocou nos ombros e o afivelou. Mas o calor nas dobras de lã gordurosa era reconfortante.

Macro, ainda a mastigar, pegou no seu capote e acenou impacientemente para o tabelião do quartel-general. — Podes desandar. Sabemos o caminho, obrigado.

Com um olhar de inveja para o braseiro, o tabelião puxou as abas do seu capote para cima e saiu da tenda. Macro levou um último pedaço de carne à boca, curvou o dedo para Cato e murmurou: — Vamos!

A chuva assobiava nas filas de tendas refulgentes da legião e formava poças de água incomodativas no solo desigual. Macro olhou para as nuvens negras no céu da noite. Ao longe, para Sul, um lençol de luz anunciava a passagem da tempestade de Verão. A chuva caía-lhe pelo rosto e ele sacudiu a cabeça para tirar uma madeixa de cabelo molhado da testa. — Que merda de tempo o desta ilha.

Cato riu-se. — Duvido que melhore, senhor. Se Estrabo for de confiar.

A alusão literária fez com que Macro fizesse uma careta ao rapaz. — Não podias apenas concordar comigo, pois não? Tinhas que trazer um académico qualquer para a conversa.

— Perdão, senhor.

— Esquece. Vamos lá ver o que Vespasiano quer.

III

— À vontade — ordenou Vespasiano.

Macro e Cato, em sentido a um passo da secretária, adoptaram a postura informal requerida. Ficaram um tanto chocados por verem claros sinais de exaustão no seu comandante, enquanto este se inclinava para os pergaminhos da secretária e a luz do candeeiro a óleo incidia no seu rosto enrugado.

Vespasiano fitou-os durante uns momentos, inseguro de como proceder.

Há alguns dias atrás, o centurião, o *optio* e um pequeno grupo de homens escolhidos por Macro tinham sido enviados numa missão secreta. Foram instruídos para recuperar uma arca com o pagamento dos impostos que Júlio César fora forçado a abandonar num pântano perto da costa, há quase cem anos atrás. O tribuno superior da Segunda Legião, um patrício de nome Vitélio, decidira ficar com a arca de impostos para si e, com um bando de cavaleiros arqueiros que havia subornado, caiu sobre os homens de Macro no meio da névoa do pântano. Graças à perícia guerreira do centurião, Vitélio falhara e fugira de cena. Mas o destino parecia favorecer o tribuno: encontrara uma coluna de bretões que tentavam flanquear a linha avançada romana e conseguiu avisar as legiões do perigo mesmo a tempo. Como resultado da vitória subsequente, Vitélio tornara-se numa espécie de herói. Aqueles que sabiam a verdade sobre a traição de Vitélio sentiram-se desgostosos pelos louvores demonstrados a um verme como ele.

— Temo que não possa apresentar queixa contra o tribuno Vitélio. Tenho apenas as vossas palavras para andar com o processo e isso não é suficiente.

Macro eriçou-se com uma raiva mal contida.

— Centurião, eu sei que tipo de homem ele é. Disse que tentou matá-lo a si e aos seus homens quando o mandei atrás da arca de impostos. Essa missão era secreta, altamente secreta. Suspeito que só você, eu e o rapaz sabíamos do conteúdo da arca. E Vitélio, claro. Mesmo agora ainda está selada e a caminho de Roma sob uma apertada segurança, e quantos menos souberem do ouro que contém, melhor. É dessa forma que o Imperador quer manter as coisas. Ninguém nos agradecerá por expormos este caso em tribunal se apresentarmos queixa contra Vitélio. Mais, pode não estar ciente, mas o pai dele é amigo íntimo do Imperador. Preciso de dizer mais alguma coisa?

Macro cerrou os lábios e abanou a cabeça.

Vespasiano deixou-os interiorizar as suas palavras; conhecia bem a expressão de resignação que tomava conta dos rostos do centurião e do optio. Era muito mau que Vitélio emergisse da situação cheirando a rosas, mas isso era típico da sorte do tribuno. Esse homem estava destinado a um alto cargo, e o destino não deixaria que nada se interpusesse no caminho. E havia muito mais por detrás da sua traição do que Vespasiano podia deixar que estes dois homens soubessem. Além dos seus deveres como tribuno, Vitélio era também um espião imperial ao serviço de Narciso, o secretário do Imperador. Se Narciso alguma vez viesse a saber que fora enganado por Vitélio, a vida do tribuno estaria em risco. Mas Narciso nunca o descobriria pela boca de Vespasiano. Vitélio encarregara-se disso. Enquan-

to recolhia informações sobre a lealdade dos oficiais e dos homens da Segunda Legião, Vitélio descobrira a identidade de um conspirador envolvido numa trama para derrubar o novo Imperador.

Flávia Domitil, a esposa de Vespasiano.

Portanto, neste momento, existia uma reserva entre Vitélio e Vespasiano; ambos possuíam informações que podiam ferir mortalmente o outro se alguma vez chegassem aos ouvidos de Narciso.

Ciente de que devia estar a olhar para o vazio há algum tempo, Vespasiano mudou rapidamente o seu pensamento para a outra razão pela qual tinha convocado Macro e Cato.

— Centurião, tenho algo que deverá alegrá-lo. — Vespasiano pegou num volume embrulhado com seda. Depois de o desembulhar cuidadosamente, revelou um colar de ouro para o qual ficou a olhar momentaneamente antes de o colocar à altura da luz difusa do candeeiro a óleo. — Reconhece-o, centurião?

Macro fitou o objecto durante uns instantes e abanou a cabeça. — Desculpe, senhor.

— Não estou surpreso. Provavelmente tinha outras coisas na cabeça quando o viu pela primeira vez — disse Vespasiano com um sorriso irónico. — É o colar de um chefe bretão. Era propriedade de um certo Togodumno, que felizmente já não está entre nós.

Macro riu-se, lembrando-se subitamente do pescoço onde pendia o colar, um guerreiro enorme que ele tinha morto em combate singular, alguns dias antes.

— Tome! — Vespasiano atirou o colar a Macro que foi apanhado de surpresa. — Uma pequena lembrança de grati-

dão da legião. Vem directamente do meu quinhão dos desposjos. Você merece, centurião. Ganhou-o, por isso, use-o com dignidade.

— Sim, senhor — respondeu Macro examinando o colar. Um entrançado de ouro cintilando na luz oscilante, cada uma das pontas torcida para trás em volta de um grande rubi que brilhava como uma estrela de sangue. Torvelinhos estranhos haviam sido trabalhados no ouro que circundava as pedras. Macro tomou o peso do colar e calculou por alto o valor. Os seus olhos alargaram-se quando percebeu a amplitude do significado do gesto do legado.

— Senhor, não sei como agradecer-lhe por isto.

Vespasiano ergueu a mão. — Então não agradeça. Como disse, merece-o. Quanto a ti, Optio, não tenho nada para te oferecer, excepto o meu obrigado.

Cato corou, os seus lábios encolheram-se numa expressão severa. O legado não conseguiu conter o riso.

— É verdade que não tenho nada de valor para te oferecer. Mas alguém tem, ou melhor, tinha.

— Senhor?

— Sabias que o centurião-chefe Bestia sucumbiu aos seus ferimentos?

— Sim, senhor.

— Ontem à noite, antes de perder a consciência, proferiu um testamento verbal na presença de uma testemunha. Pediu que eu executasse essa vontade.

— Um testamento verbal? — Cato franziu o sobrolho.

— Desde que haja testemunhas, qualquer soldado pode determinar verbalmente como quer que as suas propriedades sejam dispostas caso venha a morrer. É mais um costume do

que um regulamento escrito na lei. Parece que Bestia queria que ficasses com certas coisas da sua pertença.

— Eu! — exclamou Cato. — Ele queria que *eu* ficasse com algo, senhor?

— Aparentemente.

— Mas porquê? Ele nem me podia ver.

— Bestia disse que te viu combater como um veterano, sem armadura, só com elmo e escudo. Que foste a eles exactamente como ele te ensinou. Disse-me que se enganara a teu respeito. Julgava-te um idiota e um covarde. Quando viu que estava errado, quis que soubesses que se orgulhava daquilo em que te tornaste.

— Ele disse isso, senhor?

— Precisamente, rapaz.

Cato abriu a boca, mas não saíram quaisquer palavras. Não conseguia acreditar; parecia impossível. Julgar tão mal uma pessoa. Assumir que era irremediavelmente má e incapaz de sentimentos positivos.

— O que é que ele queria que ficasse para mim, senhor?

— Descobre por ti próprio, filho — respondeu Vespasiano. — O corpo de Bestia ainda está na tenda hospital, com os seus bens pessoais. O cirurgião assistente sabe o que te dar. Cremaremos o corpo ao amanhecer. Podem ir.

IV

Já do lado de fora, Cato assobiou de estupefacção com a perspectiva da doação de Bestia. Mas o centurião prestava pouca atenção ao seu optio; apalpava o colar, apreciando o seu peso considerável. Caminharam para a tenda-hospital em silêncio, até Macro olhar para a figura alta do optio.

— Muito bem. Que será que Bestia te deixou?

Cato tossiu, limpando a garganta apertada. — Não faça ideia, senhor.

— Nunca tinha presenciado nenhuma insinuação de que o velho fosse capaz de um gesto desses. Nunca ouvi dizer que ele tivesse feito algo do género desde que estou ao serviço da Águia. Parece que afinal causaste boa impressão.

— Parece que sim, senhor. Mas mal consigo acreditar.

Macro pensou acerca disso por uns momentos e depois abanou a cabeça. — Nem eu. Sem ofensa nem nada mas, bem, tu não eras o género de soldado que ele idealizava. Tenho que admitir, demorei algum tempo a perceber que eras mais do que um rato de biblioteca. Não tens em ti a aparência de um soldado.

— Pois não, senhor — veio a resposta súbita. — Vou tentar melhorar esse aspecto a partir de agora.

— Não te preocupes com isso, rapaz. Sei que és um assassino, mesmo que não te apercebas disso. Já te vi em acção, lembra-te?

Cato retraiu-se quando ouviu a palavra *assassino*. Era a última pela qual queria ser reconhecido. Um soldado, sim, essa

palavra tinha uma certa medida de credibilidade civilizada. Obviamente que ser um soldado implicava a possibilidade de matar, mas isso, pensou, era inerente à essência da profissão. Os assassinos, por outro lado, eram apenas uns brutos com poucos, ou nenhuns, valores. Esses bárbaros que viviam nas sombras das grandes florestas germânicas eram assassinos. Esquartejavam só pelo gozo do acto, como os seus infinitos conflitos tribais ilustravam tão bem. Roma havia tido guerras civis no passado, lembrou-se Cato, mas sob a ordem imposta pelos imperadores a ameaça de conflito interno passara à História. O exército romano combatia com propósitos morais: a expansão dos valores civilizacionais aos selvagens ignorantes que viviam nas margens do Império.

E estes bretões? Que tipo de homens eram? Assassinos ou soldados? O espadachim que morrera nos jogos do legado assombrava-lhe a mente. O homem fora um verdadeiro guerreiro, e atacara com a ferocidade de um assassino nato. A sua autodestruição não passara de puro fanatismo, uma característica de certos homens que perturbava Cato profundamente, enchendo-o com uma sensação de terror moral, e a convicção de que somente Roma oferecia o melhor caminho. Apesar dos seus políticos corruptos e cínicos, Roma significava ordem e progresso; um farol para todas as massas confusas escondidas nas sombras das negras terras bárbaras.

— Ainda lamentas a tua aposta? — Macro tirou-o das suas meditações.

— Não, senhor. Estava apenas a pensar no bretão.

— Ah, esquece-o. É um acto estúpido e não há mais nada a dizer. Talvez tivesse mais respeito por ele se tivesse usado a es-

pada contra nós e tentado escapar. Mas matar-se a si próprio? Que desperdício.

— Se assim o diz, senhor.

Tinham chegado à tenda-hospital, e espantaram os insectos que se amontoavam nos candeeiros de óleo à entrada antes de se inclinarem para entrar. Um oficial de dia estava por trás de uma secretária. Conduziu-os para as traseiras da tenda onde os oficiais estavam aquartelados. A cada centurião tinha sido atribuída uma pequena área seccionada com uma cama de campanha, uma mesa e um penico. O oficial de dia abriu uma cortina e acenou-lhes para que entrassem. Macro e Cato apertaram-se de cada lado da cama estreita, onde uma mortalha de linho cobria o corpo do centurião-chefe.

Permaneceram uns momentos em silêncio, antes que o oficial de dia falasse a Cato. — Os artigos com que ele queria que ficasse estão debaixo da cama. Vou deixá-los por uns instantes.

— Obrigado — respondeu Cato calmamente.

A cortina caiu e o oficial de dia voltou à secretária. No silêncio que reinava, apenas se ouviam os sons distantes do campo ou um gemido ocasional proveniente de outros pontos da tenda.

— Como é, vais ver tu ou vou eu? — perguntou Macro numa voz sussurrante.

— Perdão?

Macro apontou para o centurião-chefe com o polegar. — Um último olhar ao rosto do velho antes dele se esfumar. Devo-lhe isso.

Cato engoliu nervosamente. — Força.

Macro baixou-se e puxou suavemente a mortalha de linho, destapando Bestia até ao peito nu coberto de pelos grisalhos.

Nenhum deles tinha alguma vez visto Bestia sem uniforme e a massa de pelos encaracolados foi uma surpresa. Alguma alma caridosa já tinha colocado nos olhos do centurião-chefe as moedas para pagar a Caronte a passagem do rio Estige para o submundo. O ferimento que o matara fora limpo mas, mesmo assim, os dentes, ossos e tendões mutilados eram visíveis onde a carne tinha sido cortada de um dos lados do rosto de Bestia. Não era uma visão agradável.

Macro assobiou. — É um espanto que ele tenha conseguido dizer alguma coisa ao legado neste estado.

Cato assentiu.

— Ainda assim o velho conseguiu chegar ao topo, que é muito mais do que nós alguma vez conseguiremos. Vamos ver o que ele te deixou. Queres que eu veja?

— Se quiser, senhor.

— Muito bem. — Macro ajoelhou-se e vasculhou debaixo da cama. — Ah! Aqui vamos nós.

Levantando-se, ergueu uma espada dentro da bainha e uma pequena ânfora. A espada deu-a a Cato. Depois tirou a rolha da ânfora e cheirou cuidadosamente. Um sorriso tomou conta do seu rosto.

— Cécubo! — cantou Macro. — Meu rapaz, o que quer que tenhas feito para impressionar Bestia, teve que ser algo miraculoso. Importas-te se eu...?

— Esteja à vontade, senhor — respondeu Cato. Examinou a espada. A bainha era negra e marchetada com um notável padrão geométrico em prata. Aqui e ali estava amolgada e marcada pela violência do uso. Era uma arma de soldado, não um objecto ornamental reservado a cerimónias.

O centurião Macro lambeu os lábios, ergueu a ânfora e brindou. — Ao centurião-chefe Lúcio Batiaco Bestia, um cabrão lixado, mas justo. Um bom soldado que honrou os seus camaradas, a sua legião, a sua família, a sua tribo e Roma. — Macro bebeu um grande gole do Cécubo, a sua maçã-de-adão a trabalhar com avidez, antes de pousar a ânfora. — Absoluta maravilha. Prova.

Cato pegou na ânfora e ergueu-a sobre o corpo morto do centurião-chefe, sentindo-se consciente do seu gesto. — A Bestia.

Macro estava certo. O vinho era muito saboroso, um paladar frutado com um toque a almíscar, e um travo seco no final. Delicioso. E embriagante.

— Deixa-me ver a tua espada.

— Sim, senhor. — Cato passou-lhe a espada. Depois de olhar rapidamente para a bainha, Macro agarrou o cabo em marfim com o seu ornamentado botão de punho em ouro, e sacou a lâmina. Estava bem temperada e polida, e brilhava como um espelho. Macro ergueu as sobranceiras com sincero agrado enquanto passava suavemente um dedo pela extremidade cortante. Tinha sido extremamente bem afiada pelo que era essencialmente uma espada de rasgar. Sopesou-a e gabou o equilíbrio entre o cabo e a lâmina. Era uma espada que um homem controlava com facilidade, nunca pressionando o pulso como as espadas normais costumavam fazer. Não fora feita por romanos. A lâmina era certamente um produto das grandes forjas gaulesas que fabricavam as melhores espadas há gerações. Como terá chegado às mãos de Bestia?

Depois reparou numa inscrição, uma pequena frase junto ao resguardo, escrita num alfabeto que reconheceu como grego.

— O que diz aqui?

Cato pegou na espada e traduziu mentalmente: “De Germânico para L. Batiaco, o seu Patrúculo.” Um arrepio de espanto desceu pela espinha de Cato. Olhou novamente para o desfigurado rosto do centurião-chefe. Teria este homem sido um jovem atraente? Atraente o suficiente para merecer a afeição do grande General Germânico? Era difícil de acreditar. Cato conhecera Bestia apenas como um disciplinador rígido e cruel. Mas quem sabe que segredos um homem guarda quando morre? Alguns leva com ele para o submundo, outros são revelados.

— Então? — disse Macro impacientemente. — O que diz?

Conhecendo a intolerância do seu centurião, Cato raciocinou rapidamente. — É um presente de Germânico pelos serviços dele.

— Germânico? O Germânico?

— Suponho que sim, senhor. Não tem mais pormenores.

— Não fazia ideia que o velho tinha tão altos conhecimentos. Isso merece outro brinde.

Cato passou-lhe a ânfora relutantemente e retraiu-se quando Macro bebeu vorazmente do bom vinho. A ânfora estava muito mais leve quando a recebeu de volta. Em vez de perder o resto para a barriga do centurião, Cato brindou a Bestia mais uma vez e bebeu tanto quanto pôde de um só trago.

Macro arrotou. — B... Bem, Bestia deve ter feito uma grande proeza para receber essa beleza. Uma espada de Germânico! Isso é realmente espantoso!

— Sim, senhor — concordou Cato calmamente. — Deve ter sido uma grande proeza.

— Cuida bem dessa lâmina, rapaz. Não tem preço.

— Cuidarei, senhor. — Cato começava a sentir os efeitos do vinho na tenda quente e confinada, e começou a ansiar por ar puro. — Penso que deveríamos deixá-lo, senhor. Que descanse em paz.

— Ele está morto, Cato. Não está a dormir.

— Era uma força de expressão. De qualquer maneira, tenho que sair daqui, senhor. Preciso de ir lá para fora.

— Eu também. — Macro cobriu de novo Bestia com a mortalha de linho e seguiu o optio para a saída. A chuva tinha parado e, à medida que o vento limpava o firmamento, as estrelas cintilavam foscas na atmosfera húmida. Cato encheu os pulmões de ar. Estava a sentir o vinho mais do que nunca e perguntava-se se iria sofrer a indignidade de vomitar.

— Vamos voltar à nossa tenda e acabar com a ânfora — disse Macro alegremente. — Devemos isso ao velho.

— Devemos? — Respondeu Cato bruscamente.

— Claro que sim. Uma velha tradição do exército. É assim que velamos pelos mortos.

— Uma tradição?

— Bem, agora é. — Macro riu embriagado. — Anda, vamos.

Segurando firmemente a sua espada embainhada, Cato largou o controlo da ânfora e os dois dirigiram-se com passos incertos para as tendas alinhadas da sua centúria.

Ao amanhecer do dia seguinte, quando a pira de Bestia foi acendida, o centurião e o optio da Sexta Centúria, da Quarta Coorte, miravam-na com olhos enevoados. Toda a Segunda Legião estava formada para testemunhar o evento em três dos lados da pira, enquanto o legado, o prefeito do acampamento, os tribunos e outros oficiais superiores permaneciam em sen-

tido no quarto lado. Vespasiano escolhera bem a sua posição, a leve brisa que soprava através da paisagem bretã afastava de si o fumo proveniente da pira. Do lado oposto, os primeiros arremessos de fumo espesso e oleoso carregado com o odor a gordura queimada, vogavam pelos legionários em sentido. Um coro de tosse irrompeu em redor de Macro e do seu optio e, uns instantes depois, o delicado estômago de Cato contraiu-se como um punho e vomitou o conteúdo que incomodava as suas tripas na erva.

Macro suspirou. Mesmo para lá das sombras da morte, Bestia tinha a capacidade de fazer sofrer aquele rapaz.

V

— O problema, meus senhores, é aquele pequeno outeiro além. — O general apontou para lá do rio com o seu bastão, e os olhos dos seus oficiais superiores seguiram-no. Para além dos comandantes das quatro legiões, entre o amontoado de mantos escarlates, estavam também os oficiais assistentes de Pláucio. Vespasiano estava com alguma dificuldade em não se divertir com a quantidade ofuscante de dourados que adornavam a lustrosa couraça do seu irmão Sabino, que gozava da categoria oficial de prefeito de cavalaria. Quase tão garrida era a quantidade de ouro usado pelos bretões exilados que acompanhavam Pláucio. Admínio fora forçado pelo seu irmão, Carátaco, a fugir do seu reino e juntara-se ao exército romano como guia e negociador. Se Roma triunfasse, o seu título e terras ser-lhe-iam restituídos, embora ele fosse governar como rei vassalo de Roma, com todas as obrigações que isso acarretava: uma pobre recompensa pela traição ao seu povo. Vespasiano mudou o seu olhar de escárnio do bretão para o rio.

A margem do outro lado era escarpada, mas com um cume baixo que depois corria ao longo do rio. O cume fora grosseiramente fortificado e, neste preciso momento, as figuras pequenas dos bretões atarefavam-se furiosamente para aperfeiçoar os seus esforços iniciais. Já tinha sido escavado um fosso substancial à volta do ponto de passagem, com a terra a ser atirada para o outro lado do talude. Uma paliçada grosseira estava a ser levantada no topo da rampa, com um refúgio em

cada extremidade, para lá da qual o solo se tornava pantanoso.

— Devem ter reparado que esta parte do rio é impetuosa — continuou Pláucio. — E se olharem atentamente para a margem do outro lado poderão ver que Carátaco submergiu obstáculos no leito do rio. A maré está a encher ou a vaziar, tribuno Vitélio?

O último oficial assistente do general foi apanhado distraído, e Vespasiano não pôde conter um riso de satisfação, quando a habitual expressão de presunção de Vitélio foi substituída pela de dúvida e depois embaraço. O tribuno fora transferido da Segunda Legião como prémio pelos seus feitos recentes. Esta experiência como assistente do general era uma oportunidade para ganhar nome e facilitar o caminho para uma qualquer carreira militar. Por um momento parecia que o tribuno ia tentar intrujar, mas depois a honestidade venceu, embora se mantivesse fiel ao seu carácter, não resistindo a uma tentativa para limitar os danos através da evasão:

— Vou ver, senhor.

— Esse “Vou ver, senhor” significa “Não sei, senhor”? — perguntou Pláucio secamente.

— Sim, senhor.

— Então certifique-se imediatamente — ordenou Pláucio. — E a partir de agora lembre-se que é seu dever saber estas coisas. Não haverá desculpas no futuro. Entendido?

— Sim, senhor. — Vitélio estalou os dentes quando fez a continência e saiu de cena.

— Não conseguimos ter assistentes decentes hoje em dia — murmurou Pláucio.

Os outros oficiais trocaram olhares sabedores. Era injusto esperar que um oficial assistente estivesse a par da maré de um

rio que acabara de conhecer. Mas, a não ser que esses oficiais fossem capazes de prever qualquer factor influenciável para a execução da campanha, eram uns inúteis. Um posto de assistente podia ser almejado, mas tinham toda a espécie de obstáculos para transpor.

Esforçando os olhos, Vespasiano vislumbrou uma série de ameaçadoras pontas negras a sobressair da superfície da água. Estacas de madeira afiada, cravadas no leito do rio, e muito capazes de empalarem um soldado de infantaria ou estriparem um cavalo. Os atacantes seriam forçados a negociar cuidadosamente a travessia, sob rajadas de funda e flechas do inimigo, mesmo antes de saírem do rio de encontro ao fosso e ao talude.

— Podíamos cobrir o assalto com artilharia, senhor — sugeriu Vespasiano. — Os dardos forçá-los-iam a manter as cabeças baixas, enquanto as catapultas derrubariam a paliçada.

Pláucio abanou a cabeça. — Pensei nisso. O prefeito dos engenheiros diz que a distância é demasiado grande. Teríamos que usar o projectil de menor calibre, não seria suficiente para causar os danos requeridos. Penso que temos que descartar de todo a possibilidade de um ataque directo. Quando a infantaria pesada tivesse atravessado o rio e formado, já teríamos perdido muitos homens. Além disso, a frente é demasiado estreita para a força por si só ganhar o dia. Os nossos homens estariam expostos ao fogo por três lados assim que se aproximassem do fosso. Não, temo que tenhamos que ser um pouco mais sofisticados.

— Temos que atravessar aqui, senhor? — perguntou Sabino. — Não podemos simplesmente marchar rio acima até encontrarmos um local de mais fácil travessia?

— Não — respondeu pacientemente o general. — Se marcharmos pelo rio acima, Carátaco pode seguir de perto todo o nosso caminho e opor-se a cada tentativa de travessia da nossa parte. Poderiam passar dias, mesmo semanas, até conseguirmos atravessar. Depois, ele simplesmente recuaria até ao Tamesis e teríamos que repetir tudo de novo. E o tempo está do lado dele, não do nosso. Todos os dias se juntarão mais homens ao exército dele. Cada dia que lhe damos torna as nossas hipóteses de tomar Camulodónia antes do Outono menos prováveis. E a não ser que Camulodónia caia, não conseguiremos manter a aliança com as tribos neutrais. Temos que combater Carátaco aqui e agora.

— Sim, senhor — murmurou Sabino, esforçando-se por esconder o seu embaraço por ser ensinado como se não passasse de um tribuno inexperiente.

Pláucio virou-se para falar aos seus oficiais reunidos. — Portanto, senhores, estou aberto a sugestões.

O legado da Nona Legião olhava absorto para o rio. Hosídio Geta era um patrício que optara por continuar ao serviço do exército em vez de almejar uma carreira política, e tinha uma experiência considerável em operações conduzidas na água com a sua legião no Danúbio. Virou-se para o seu general.

— Senhor, permite-me?

— Esteja à vontade, Geta.

— Isto pede um movimento de flancos, dois movimentos de flancos, de facto. — Geta virou-se para o rio. — Enquanto o exército principal fica aqui, podíamos enviar uma força a jusante do rio, sob a cobertura de navios de guerra, contanto que as águas tenham profundidade suficiente nesse local.

— Podíamos usar os auxiliares batavianos para isso, se-

nhor — sugeriu Vespasiano, e levou com o olhar irritado de Geta.

— Ia sugerir isso — respondeu Geta friamente. — Eles estão treinados para este tipo de operação. Podem nadar através dos rios completamente armados. Se conseguirmos fazer com que eles atravessassem sem grande oposição, podemos lançar um ataque flanqueado ali.

— Mencionou um segundo ataque pelos flancos — disse Pláucio.

— Mencionei, senhor. Enquanto os batavianos atravessam, uma segunda força pode subir o rio até encontrarem um vau e depois atacar o outro flanco do inimigo.

Pláucio assentiu. — E se acertarmos os tempos, podemos assaltá-los em três direcções num ataque desconcertante. Deverá acabar rapidamente.

— Creio que sim, senhor — respondeu Geta. — A segunda força não necessita de muitos homens, o seu papel é ser a surpresa final com a qual Carátaco não consiga lidar. Surpreenda-o e ganharemos o dia. Ele nunca conseguirá responder aos três ataques. Sabe como estes nativos irregulares são. Claro que se alguma das nossas forças flanqueadoras for isolada, as perdas serão grandes.

Vespasiano sentiu um arrepio na nuca quando reconheceu a oportunidade pela qual esperava. A oportunidade de se redimir a si e à sua legião. Se a Segunda pudesse ter o papel decisivo na batalha, restauraria os espíritos da unidade de uma forma nunca vista. Embora a recente emboscada de Togodumno à Segunda Legião tivesse falhado, a unidade tinha sofrido graves perdas humanas, e a moral estava baixa. Um ataque bem sucedido, sem compaixão, talvez pudesse salvar a

reputação da Segunda Legião e do seu comandante. Mas estariam os homens prontos para isso?

Pláucio assentia enquanto analisava a proposta de Geta. — Há riscos num ataque dividido, como bem disse, mas vai ser arriscado de qualquer maneira. Muito bem, executaremos esse plano. Tudo o que resta fazer é a colocação das tropas. O lado direito do ataque vai precisar, claramente, dos batavianos — disse ele, com um assentimento fosco para Vespasiano. — O ataque frontal será levado a cabo pela Nona.

Era agora, constatou Vespasiano. Era o momento de reclamar o privilégio da Segunda. Deu um passo em frente e limpou a garganta.

— Sim, Vespasiano? — Pláucio fitou-o. — Tem algo a acrescentar?

— Senhor, solicito o privilégio de comandar o ataque do flanco esquerdo.

Pláucio cruzou os braços e endireitou a cabeça enquanto considerava o pedido de Vespasiano. — Acha mesmo que a Segunda consegue dar conta do recado? Estão diminuídos, e imagino que os seus homens não fiquem muito contentes por se verem num denso campo de batalha a tão pouco tempo da sua recente experiência.

Vespasiano corou. — Permita-me discordar, senhor. Acredito falar tanto em nome dos meus homens como no meu.

— Francamente, Vespasiano, não tinha sequer a intenção de convocar a Segunda para este trabalho. Ia mantê-los de reserva, e deixar uma unidade fresca fazer o trabalho. E não vejo quaisquer razões para mudar de opinião. Você vê?

A menos que Vespasiano encontrasse razões para justificar a sua posição no flanco esquerdo, estaria condenado a

viver o resto do seu cargo como legado sob um véu de suspeição quanto à sua competência para comandar. E se os homens sentissem que lhes estavam a negar o seu lugar na campanha e, conseqüentemente, a sua parte dos despojos, a moral e reputação da Segunda nunca recuperariam. A sua reputação tinha sido adquirida ao longo dos anos com o sangue de milhares de camaradas, sob uma Águia que os conduzira para o combate durante décadas. Se isso ia acabar, só se fosse por cima do seu cadáver. Vespasiano tinha que ser firme com o seu general.

— Sim, vejo, senhor. O senhor parece ter sido mal informado acerca do espírito combativo da minha legião. — E Vespasiano suspeitava que Vitélio era a fonte dessa má informação. — Os homens estão preparados, senhor. Estão mais do que preparados, estão sequiosos por isso. Queremos vingar os homens que perdemos.

— Chega! — interrompeu Pláucio. — Pensa que a retórica vence a razão? Esta é a linha da frente, não o fórum de Roma. Pedi-lhe que me desse uma boa razão para eu ceder.

— Muito bem, senhor. Serei directo.

— Seja.

— A Segunda está diminuída. Mas não necessita de uma legião inteira para o ataque. Se cairmos durante o ataque, apenas terá perdido uma unidade que já estava bastante mal comparando com uma legião fresca. — Vespasiano olhou para o seu general com astúcia. — Atrevo-me a dizer que pretende ter o maior número possível de legiões frescas para o caso de combater Carátaco novamente. Não poderá dar-se ao luxo de o combater com forças diminuídas e cansadas. É melhor arriscar uma unidade dispensável neste momento.

Pláucio abanava a cabeça enquanto ouvia aprovadamente esta argumentação completamente cínica. Reflectia verdadeiramente as duras realidades do comando e, na mesma dura forma, fazia sentido.

— Muito bem, Vespasiano. Convenceu-me.

Vespasiano inclinou a cabeça num agradecimento. O seu coração saltava de excitação por ter vencido a prova do seu comandante e com ansiedade pela operação perigosa para a qual tinha voluntariado os seus homens. Tinha sido pouco honesto no seu pedido ao general. Não duvidada que muitos dos homens o amaldiçoariam por isso, mas os soldados queixavam-se por tudo. Necessitavam combater. Necessitavam de uma vitória folgada para se poderem vangloriar. Deixar os homens no presente estado de dúvida sobre eles mesmos, arruinaria a legião e arrasaria a sua carreira. Agora que os tinha comprometido ao combate sentia-se confiante de que a maioria partilharia o seu desejo de lutar.

— As suas ordens — declarou Pláucio formalmente — são de subir o rio ao amanhecer. Localizar o vau mais próximo e atravessar para o outro lado. A partir daí marchará pelo rio abaixo, evitando quaisquer contactos com bretões. Aguardarão escondidos até as trompetas do quartel-general soarem o sinal de reconhecimento da vossa legião, a partir do qual se juntarão ao assalto àquela colina. Entendido?

— Sim, senhor. Perfeitamente.

— Dê-lhes duro, Vespasiano. O mais duro que conseguir.

— Sim, senhor.

— As ordens por escrito ser-lhe-ão enviadas ao final do dia de hoje. É melhor ir andando. Quero-vos em marcha ao raiar do dia.

Vespasiano saudou o general, acenou com a cabeça em despedida a Sabino, e abria caminho por entre os oficiais de regresso à linha de cavalaria quando Vitélio subiu a correr a escarpa, ofegando pesadamente.

— Senhor! Senhor!

Pláucio virou-se para ele alarmado. — Que é, Tribuno?

Vitélio deteve-se, inspirou e fez o seu relatório. — A maré está a encher, senhor. Soube-o pelos nossos batedores ali ao fundo, perto do rio.

O General Aulio Pláucio fitou-o durante uns momentos. — Obrigado, Tribuno. Foi muito interessante. Mesmo muito interessante.

Depois virou-se de costas para ver novamente as forças do inimigo e para esconder de vista a sua expressão divertida.

VI

As sombras propagavam-se enquanto Cato se apoiava imóvel contra o tronco de uma árvore, o seu manto castanho almo-fadando a casca agreste. Na mão esquerda segurava o arco de caça que tinha ido buscar ao armazém, uma flecha farpada pesada fixa na corda. Tinha descoberto um trilho sinuoso que se cruzava com um trilho acidentado e seguira-o até esta clareira. O trilho serpenteava através dos fetos baixos até às árvores na extremidade da clareira. Do outro lado, o rio resplandecia através das folhas e dos ramos, cintilando com o reflexo do Sol que se afundava. Como rapaz da cidade que era teve o bom senso de pedir conselhos a Pirax, um veterano há muito habituado a tratar de provisões, antes de partir para o bosque. A área fora desimpedida de inimigos e estava rodeada pelo exército de Pláucio, fazendo com que o jovem *optio* se sentisse seguro o suficiente para caçar. Com sorte, os homens da Sexta Centúria não jantariam porco salgado à noite, e iriam para a batalha com uma boa refeição nas barrigas.

Quando notícias do ataque iminente foram anunciadas à sexta Centúria, Macro amaldiçoou a sua sorte. Uma perigosa manobra de flanco era a última coisa de que precisavam quando os seus efectivos estavam tão esgotados. De regresso à tenda, ele e Cato trataram dos preparativos para o ataque da manhã seguinte.

— Anota aí — instruiu Macro ao seu *optio*. — Todos os homens devem deixar os acessórios não essenciais aqui. Se ti-

vermos que nadar não vamos querer levar mais do que necessitamos. E vamos precisar de corda. Vai buscar trezentos pés de cabo leve ao armazém. Deve ser suficiente para atravessar o rio se encontrarmos um vau.

Cato tirou os olhos da sua placa de cera. — E se não houver um vau? Que fará o legado?

— Essa é a melhor parte — resmungou Macro. — Se não encontrarmos um vau até ao meio-dia, temos ordens para atravessar a nado. Vamos ter que nos despir até ficarmos em túnica e passar o equipamento através de bolsas insufladas. Toma nota para requisitar um empola para cada homem.

Fez uma pausa quando Cato não respondeu.

— Desculpa, rapaz. Esqueci-me da tua aversão à água. Se tivermos que nadar, deixa-te estar perto de mim e eu certificar-me-ei de que farás a travessia em segurança.

— Obrigado, senhor.

— Assim que tenhas oportunidade vê se aprendes a nadar como deve ser.

Cato assentiu de cabeça baixa, envergonhado.

— Onde é que íamos?

— Empolas, senhor.

— Ah, sim. Esperemos que não façam falta. Se não encontrarmos um vau não me agrada defrontar os bretões apenas com uma túnica de lã entre eles e os meus tomates.

Cato concordou com todo o coração.

O Sol estava a baixar no horizonte a ocidente e Cato olhou novamente para o rio, que parecia mais largo do que nunca. Estremeceu ao pensar que teria mesmo que o atravessar; a sua técnica de natação era muito má.

O Sol brilhava directamente sobre as árvores, lançando

um emaranhado de sombras com orlas de tez laranja por entre a clareira. Um súbito movimento prendeu a atenção de Cato. Mantendo o corpo quieto, virou a cabeça para seguir o movimento. Uma lebre tinha saltado cuidadosamente para uma mancha de urtigas a menos de vinte passos de onde ele estava. Ergueu-se nas suas patas traseiras e cheirou o ar cautelosamente. Com a parte superior do seu corpo e a cabeça aureolada pelo brilho do Sol distante, a lebre pareceu-lhe um alvo tentador, e Cato ergueu lentamente o arco de caça. Uma lebre certamente que não ia alimentar todos os homens da Sexta Centúria, mas bastaria até algo maior aparecer.

Cato esticou o arco e estava prestes a libertar a corda quando reparou noutra presença na clareira. A lebre deu a volta e fugiu precipitadamente para o mato.

Um veado deambulava fora das sombras, dirigindo-se para o local onde o trilho penetrava nas árvores do outro lado da clareira. Um alvo muito maior, mesmo a vinte passos e, sem hesitar, Cato ajustou a pontaria, compensando uma tendência para disparar para cima e para a direita. A corda zumbiu, o veado estacou, e um traço de escuridão correu pelo ar e cravou-se na parte detrás do pescoço do veado com um baque.

O animal tombou, sacudindo o seu pescoço comprido enquanto o sangue manchava o mato. Cato fixou apressadamente outra flecha na corda do arco e correu pela clareira. Sentindo o perigo, e enlouquecido pela seta farpada enterrada bem funda no pescoço, o veado debateu-se e saltou pelo trilho em direcção ao rio. Lançando-se descuidadamente por entre a vegetação que se emaranhava no trilho, Cato perseguiu a sua presa pelo declive abaixo, perdendo distância, mas depois encurtando-a de cada vez que o veado caía. O animal ferido ir-

rompeu para a margem do rio e depois mergulhou. A superfície suave explodiu numa multidão de gotículas que cintilavam à medida que apanhavam o sol de fim de tarde.

Cato estava perto e aproximou-se da margem do rio. Parecia mais largo e mais perigoso do que quando o vira mais acima da clareira. O veado chapinhava e Cato ergueu o arco, furioso por o animal poder escapar e ser levado pela corrente.

O veado debatia-se, agora a uns trinta passos. A segunda flecha apanhou-o mesmo no meio das costas e as patas traseiras caíram sem forças. Largando o arco na margem, Cato saltou. O leito do rio estava cheio de seixos e tinha menos de dois palmos de profundidade. A água espumava sobre ele à medida que se aproximava do veado com o punhal em riste. A segunda flecha desfizera a espinha do animal e este retorcia-se em terror, tentando desesperadamente usar as patas da frente para se arrastar e manchando a água com o próprio sangue.

Cato parou com medo dos coices e contornou-o. Quando a sua sombra caiu sobre o focinho do veado este gelou de terror e, agarrando a oportunidade, Cato golpeou a garganta do animal com um só golpe. O fim foi misericordiosamente rápido e depois de uma breve luta o veado ficou inerte, os olhos fixos no vazio. Cato tremia, em parte pela energia libertada na perseguição frenética, em parte por um estranho sentido de vergonha por ter morto o animal. Era diferente de matar um homem. Muito diferente. No entanto, porque é que o fazia sentir-se pior? Depois Cato percebeu que nunca tinha morto um animal daqueles antes. Claro, tinha torcido o pescoço a galinhas, mas isto fazia-o sentir-se inseguro e o turbilhão de sangue a vazar aos seus pés fazia-o sentir-se enjoado.

Olhou novamente para baixo. Depois para a margem do rio pela qual viera a correr. Depois para a outra margem.

— Será que?...

Cato afastou-se do veado e dirigiu-se para a outra margem, onde as árvores estavam completamente negras contra um céu cor-de-laranja. Tentou calcular a profundidade da água à sua frente. Estava demasiado escuro, por isso continuou nervosamente o seu caminho através da corrente, testando cada passo à medida que avançava. A profundidade do rio aumentou gradualmente e a corrente acelerou, mas quando chegou a meio a água apenas lhe dava pelas ancas. Daí para a frente a profundidade voltava a diminuir e cedo se encontrou na margem oposta olhando para a outra onde se encontravam as legiões.

Aninhou-se nas sombras e esperou até que o sol se pusesse totalmente e as estrelas brilhassem no céu da noite, mas não havia sinais de ninguém. Nenhum homem a vigiar, nenhuma patrulha, só os sons dos pica-paus e os estalos suaves das criaturas da floresta que se moviam na escuridão acima dele. Satisfeito por estar sozinho, Cato regressou ao rio, passou o vau em direcção ao corpo do veado e arrastou-o até onde tinha deixado o arco de caça.

O optio sorriu alegremente. Os homens da Sexta Centúria iam comer bem esta noite, e amanhã o resto da legião também ia ter alguma coisa para lhe agradecer.

VII

— Tens a certeza que é este o local, Optio?

— Tenho, senhor.

Vespasiano olhou para o rio em direcção à outra margem. A alvorada ainda não tinha rompido e o perfil das árvores mal se distinguia do céu nocturno. A margem oposta estava invisível, e o único som que se ouvia para além da água era o pio de um mocho. Atrás do legado o trilho estava cheio com uma massa silenciosa de legionários, tensos e alerta ao primeiro sinal de perigo. As caminhadas nocturnas eram o fantasma dos exércitos: não faziam ideia das distâncias que percorriam, paravam frequentemente à medida que as colunas se engarrafavam ou simplesmente colidiam umas com as outras, e temiam as emboscadas. Eram também difíceis de coordenar e, por isso, os comandantes do exército raramente moviam as suas tropas entre o pôr-do-Sol e a alvorada. Mas o plano de ataque desenvolvido por Pláucio e pelos seus oficiais assistentes requeria que a Segunda Legião atravessasse o rio e estivesse em posição o mais depressa possível, e de preferência protegida pela escuridão.

Vespasiano não acreditou na sua sorte quando lhe levaram notícias sobre a descoberta de um vau a menos de duas horas do acampamento da legião. Era quase demasiado conveniente, até mesmo suspeito, por isso interrogou o optio exaustivamente. Cato, cujas habilidades ele conhecia das experiências anteriores, era inteligente e cuidadoso, duas qualidades que o

legado admirava particularmente, e podia confiar-se nas suas informações. Não obstante, se o optio descobrira a passagem tão facilmente, certamente os bretões também a conheciam. Podia muito bem ser uma armadilha. Haveria pouco tempo para testar esta hipótese, apercebeu-se, quando olhou por cima do ombro para onde a escuridão estava a rarefazer-se contra o horizonte. Uma pequena força tinha que ir bater o terreno imediatamente. Se os bretões estivessem a vigiar o vau, a legião seria forçada a subir ainda mais o rio à procura de outro. Mas quanto mais tempo levassem a atravessar, menos hipóteses teria o general de coordenar os três ataques sobre as fortificações bretãs.

— Centurião!

— Sim, senhor! — Macro apresentou-se prontamente.

— Leve os seus homens para a outra margem e inspeccione meia milha em cada direcção, a contar da extremidade do vau. Se não encontrar o inimigo e considerar que podemos fazer a travessia sem sermos observados, mande um mensageiro ter comigo. Talvez seja melhor usar aqui o Cato.

— Sim, senhor.

— Se tiver alguma dúvida quanto à situação, regresse, entendido?

— Sim, senhor.

— E seja rápido. Não vamos estar a coberto da escuridão por muito mais tempo.

À medida que a Sexta Centúria enchia o trilho e entrava no rio, Vespasiano passou a palavra pela coluna para que os homens se sentassem e descansassem. Necessitariam de todas as forças para o dia que aí vinha. Voltando-se novamente para o rio, viu a massa negra a afastar-se atravessando o vau, pare-

cendo formar um estrépito inumano enquanto chapinhava na corrente fraca. A tensão só amainou quando deixou de ouvir Macro e os seus homens. Tinham chegado à outra margem.

Quando os homens se reuniram na margem, Macro emitiu as ordens calmamente. Dividiu-os em sessões e a cada uma foi destinado um eixo de avanço. Depois, secção por secção, os homens iniciaram o seu caminho pelas árvores.

— Cato, ficas comigo — sussurrou Macro. — Vamos.

Com um último relance para a margem oposta, silenciosa e negra contra o horizonte acinzentado, Cato virou-se e entrou cuidadosamente no bosque. O avanço das outras secções era claramente audível no início, o partir de ramos, o sussurro do mato e o ruído do equipamento. Mas os sons esmoreceram gradualmente à medida que os homens se habituaram ao movimento não costumeiro e as secções se separaram umas das outras. Cato fez o seu melhor para acompanhar o centurião sem tropeçar ou fazer demasiado barulho. Contou cada passo da meia milha que Vespasiano tinha ordenado. O bosque parecia continuar eternamente, inclinando-se ligeiramente numa subida. Subitamente o mato traiçoeiro deu lugar a um solo muito mais sólido, e as árvores abriram-se numa clareira. Macro parou e aninhou-se, esforçando os olhos para discernir as imediações.

Pela luz fosca que trespassava os cumes das árvores, Cato conseguiu enxergar a mata onde estavam, circundada por rugosos carvalhos antigos, nos quais estavam pregadas centenas de caveiras, órbitas dos olhos vazias e cabeças de mortos arreganhadas cercando-os por todos os lados. No centro da clareira estava um altar grosseiro feito de lajes de pedra monumentais, das quais pendiam dos lados correntes negras. Uma

atmosfera sinistra tomava conta da mata e ambos os homens tremeram, não inteiramente de frio.

— Merda! — sussurrou Macro. — Que raio de lugar é este?

— Não sei... — respondeu Cato calmamente. A mata parecia quase sobrenaturalmente silenciosa, mesmo as primeiras notas da alvorada pareciam de alguma forma mudas. Apesar da sua visão racional do mundo, Cato não podia deixar de estar assustado pela atmosfera opressiva da mata. Sentiu um impulso para sair daquela cena grotesca o mais depressa possível. Isto não era para romanos, ou quaisquer homens civilizados. — Deve estar relacionado com os cultos deles. Druidas ou algo do género.

— Druidas! — O tom de Macro traía o seu alarme. — É melhor sair daqui depressa.

— Sim, senhor.

Mantendo-se nas franjas da clareira, Macro e Cato arrepiaram-se ao passar por três árvores com os seus troféus sinistros, e continuaram pelos bosques. Uma onda palpável de alívio pairou sobre eles à medida que se afastavam. Desde que os romanos tinham pela primeira vez encontrado os druidas, lendas da sua magia negra e rituais de sangue passavam de geração em geração. Macro e Cato sentiram ambos uma tensão gelada a eriçar-lhes os cabelos por trás do pescoço e a passar suavemente pelas sombras. Durante algum tempo progrediram em silêncio até que, por fim, Cato teve a certeza que podia ver sombras à frente.

— Senhor! — sussurrou.

— Sim, eu vi. Temos que nos aproximar da linha das árvores.

Mais cautelosos do que nunca, seguiram o seu caminho até as árvores se espaçarem e só restarem árvores novas. Esta-

vam no topo da encosta que corria atrás do rio, e tinham uma vista desimpedida para longe na direcção das fortificações bretãs que guardavam o vau. Fumo das fogueiras dos dois exércitos manchava o céu. A Leste o céu estava lavado a cor-de-rosa e uma luz enevoadada era visível junto ao rio. A terra a Oeste ainda estava encoberta pelas sombras. Não havia qualquer sinal de movimento e Macro acenou ao seu optio para regressar para junto das árvores.

— Volta ao legado e diz-lhe que é seguro e que a legião pode começar a travessia. Vou permanecer aqui mais um pouco para me assegurar.

— Sim, senhor.

— É melhor dizeres-lhe como são os contornos da terra vistos daqui de cima. Não nos poderemos aproximar ao longo do cume da encosta, topar-nos-iam a uma milha de distância. Temos que seguir a margem do rio até estarmos perto dos bretões e depois sim, dirigirmo-nos para a encosta. Percebeste tudo? Agora vai!

Cato fez o caminho encosta abaixo mais depressa do que tinham trepado, agora que a luz se fortalecia revelando todas as raízes traiçoeiras e silvas. Embora se mantivesse bem afastado da mata, Cato chegou à margem do rio mais depressa do que antecipara. Durante uns instantes entrou em pânico quando não viu sinais do resto da legião na margem oposta. Depois um ligeiro movimento rio acima prendeu-lhe a atenção e lá estava o legado a acenar com um braço por entre as árvores. Momentos depois, Cato fazia o relatório.

— Marcha ao longo da margem do rio? — reflectiu duvidosamente Vespasiano, enquanto vigiava. — Isso vai atrasar-nos.

— Não podemos fazer nada, senhor. A encosta é demasiado exposta e o bosque demasiado denso.

— Muito bem. Volta ao teu centurião e diz-lhe que ele deve bater o caminho à frente da força principal. Que evite qualquer contacto e comunique tudo o que vir.

— Sim, senhor.

Enquanto a coluna começava a encher o vau, as secções batedoras da Sexta Centúria reagruparam-se na margem ao redor de Macro. Assim que Cato relatou as ordens do legado, Macro mandou formar os seus homens e enviou o optio à frente com a primeira secção. Cato estava ciente da responsabilidade colocada em cima de si. Era agora os olhos e os ouvidos da Segunda Legião. Dele dependia o sucesso do plano do general, e a segurança dos seus camaradas. Se o inimigo fosse avisado da aproximação da Segunda Legião, teria tempo de sobra para preparar as boas vindas aos atacantes. Pior ainda, podia ter tempo para organizar um contra-ataque. Com este pensamento, o jovem optio rastejou em frente ao longo da margem, esforçando ao máximo os seus sentidos. O rio deslizava tranquilamente, enquanto o Sol se erguia sobre as árvores e enchia a manhã de Verão com luz e calor. Assim continuaram pela maior parte de uma hora, Cato seguindo à frente, até chegarem a um lugar onde a margem do rio cedera e um antigo carvalho gigante tombara para a água. Estava deitado no caminho na orla do rio, ramos secos e mortos ondulando na corrente. Uma massa de raízes que rasgava a terra formava uma estrutura para que nova vegetação se desenvolvesse.

Um súbito chapinhar na água fê-lo gelar, e os homens da secção de batedores trocaram olhares ansiosos antes de Cato localizar o alcião empoleirado num ramo que sobressaía na

superfície do rio. Quase soltou uma gargalhada perante a súbita libertação de tensão quando reparou, a não mais de quinze passos de distância, num cavalo parado na orla do rio. O animal baixou o pescoço gracioso e começou a beber. Um par de rédeas prendia o cavalo ao tronco de uma árvore. Do cavaleiro não havia sinal.

VIII

— Avise os navios para abrirem fogo.

— Sim, senhor. — Vitélio fez continência e saiu astutamente do caminho. Este cargo como assistente do general estava a revelar-se extremamente oneroso. Pláucio usava qualquer desculpa para o considerar em falta, e não havia um momento em que ele não sentisse o olhar escrutinador do general sobre si. Bem, deixa o bastardo divertir-se por agora, pensou Vitélio. O tempo estava do seu lado. Com o seu pai bem metido no círculo íntimo do Imperador, a sua carreira avançaria com a subtileza necessária. Ele aguardaria o seu tempo e sofreria o desprezo de velhos tontos como Pláucio até ao dia oportuno para fazer a sua jogada. Vitélio já albergava uma ambição tão audaciosa que só o facto de pensar nisso fazia com que tivesse de parar para recuperar o fôlego. Se Cláudio conseguira tornar-se Imperador, então qualquer homem com paciência e força de vontade o podia fazer. Mas segurou-se, não podia agir até ter garantias de sucesso. Até lá, apenas podia atacar à distância a dinastia reinante dos Cláudios, minando invisivelmente o Imperador e os seus herdeiros, de todas as formas possíveis.

Trotando pela encosta abaixo até ao quartel-general provisório, Vitélio acenou para o aglomerado de trombeteiros. Eles pegaram nos seus instrumentos e apressaram-se para a linha. A sinalização das ordens fora inteiramente delineada na noite anterior e assim que o tribuno passou a palavra, soaram

as primeiras notas, rasgando o ar matinal acima das cabeças dos tabeliões que escrevinhavam em placas de campanha. Primeiro a identificação da unidade, depois a instrução para a acção previamente combinada. Em baixo, quatro trirremes planavam na superfície suave do rio, ancoradas à popa e à proa para mostrar os lados às fortificações bretãs. E enquanto Vitélio observava, uma bandeirola baixou rapidamente no barco mais próximo, confirmando a ordem. Pequenas figuras apressaram-se para as suas posições em volta das catapultas fixas nos conveses. O fumo dos fornos portáteis requisitados ao exército na noite anterior erguia-se no ar. No início o prefeito da frota recusara terminantemente a colocação de qualquer aparato bélico nos seus navios; o risco era demasiado grande. O general insistira: as fortificações tinham de ser destruídas para ajudar o posterior assalto da infantaria. E se o pior acontecesse, os marinheiros estariam ao alcance dos seus camaradas que os salvariam na margem.

— E a galera de escravos? — perguntou o prefeito da frota.

— O que tem?

— Estão acorrentados aos bancos — explicou o prefeito pacientemente. — Se houver um incêndio, não teremos grandes hipóteses de os tirar cá para fora.

— Espero bem que não — concordou o General Pláucio.

— Mas veja o lado positivo: assim que derrotemos aquele bando, garanto-lhe que terá a primeira escolha sobre os prisioneiros para substituir as suas perdas. Parece-lhe bem?

O prefeito considerou a proposta e acabou por assentir. Novos recrutas para os bancos dos escravos seriam bem aceites pelos seus capitães, aos que ainda lhes restassem navios, claro.

— Agora, — concluiu Pláucio, — certifique-se de que teremos artilharia incendiária a postos pela manhã.

Relembrando a cena, Vitélio sorriu enquanto subia a encosta a caminho do posto de comando do general.

À medida que o Sol se erguia por trás deles, as catapultas dos navios abriram-se, os seus braços de arremesso chicoteando contra as suas barras de refreio. Linhas finas de fumo gorduroso subiram em direcção às fortificações bretãs, e a seguir os projecteis esmagaram-se contra o chão, fragmentando-se em pequenas poças brilhantes de óleo quente. Lançadores arremessaram pesadas flechas de ferro sobre a paliçada para desencorajar qualquer tentativa por parte dos bretões de apagarem o fogo.

Vitélio assistira ao efeito de uma barragem de lançamento de dardos antes de saber quão eficientes podiam ser essas armas. Os bretões, no entanto, não o sabiam, e um enxame de nativos corria sobre a fortificação em direcção à secção da paliçada que tinha sido atingida e ardia a toda a força. Chegando ao local, os bretões atiraram terra freneticamente para o fogo, enquanto outros formavam uma corrente com baldes até ao rio. Mas antes da corrente sequer iniciar o trabalho, as equipas de lançadores de dardos investiram sobre eles, e em pouco tempo o solo estava repleto de figuras atiradas por terra. Os sobreviventes fugiam, seguidos velozmente pelos companheiros das pás.

— Não devemos voltar a vê-los esta manhã, senhor — disse Vitélio a sorrir quando se juntou ao General Pláucio.

— Não. Não se tiverem juízo. — Pláucio olhou para a direita, onde a superfície prateada do rio, curvando-se numa grande extensão, desaparecia atrás da terra que se erguia no

outro lado. Neste momento, quatro milhas abaixo, as coortes Batavianas deviam estar a fazer a travessia a nado; quatro mil homens em coortes misturadas entre cavalaria e infantaria. Recrutados entre as tribos recentemente dominadas no baixo Reno, os batavianos, como todas as coortes auxiliares, tinham o papel de atormentar o inimigo até que as legiões se pudessem aproximar para matar. Com sorte alcançariam a margem oposta e formariam antes que os batedores do inimigo reunissem forças suficientes para debelar a ameaça. Pláucio não duvidava que Carátaco tinha homens posicionados ao longo da margem do rio por várias milhas nos dois sentidos. Pláucio contava era que os bretões não conseguissem reagir com a rapidez necessária para reprimir cada ataque.

Assim que detectasse movimento inimigo rio abaixo, o ataque frontal começaria. Mesmo abaixo dele, no sopé da encosta junto ao vau, as grossas fileiras da Nona Legião estavam calmas e silenciosas, aguardando a ordem de avançar sobre as fortificações inimigas. Pláucio conhecia bem o terror frio que escavava um fosso nos seus estômagos, à medida que o ataque se aproximava. Estivera nas fileiras com eles algumas vezes na juventude, e agora agradecia aos deuses por ser um general. É verdade que agora enfrentava outros receios e ansiedades, mas já não o terror físico das batalhas corpo a corpo.

Olhando para a esquerda, rio acima, contemplou as florestadas margens do rio que engoliam a superfície prateada da água, permitindo apenas um brilho aqui e um reluzir ali. Algures naquela ondulação selvagem espalhava-se a Segunda Legião, descendo em direcção ao flanco inimigo. Pláucio franziu o sobrolho quando não vislumbrou quaisquer sinais de movimento. Se Vespasiano conseguisse cumprir o plano

e chegasse dentro do tempo predeterminado pelo general, a vitória sobre Carátaco estaria assegurada. Mas se Vespasiano se atrasasse por qualquer razão, o assalto principal poderia ser contido e derrotado, e os batavianos, isolados no lado errado do rio, seriam cortados em pedaços.

Tudo dependia de Vespasiano.

IX

Pequenas ondulações reflectiam-se na água onde o focinho do cavalo mergulhava no rio. Era um animal pequeno mas robusto e bem cuidado, como o brilho nos seus flancos demonstrava. Um grosso fio trançado saía da sua teliz, e no lado oposto era visível o aro de um escudo.

Cato virou-se para os seus homens e acenou com a mão para que se mantivessem quietos. Depois ergueu-se lentamente, escondido atrás do tremendo tronco de um carvalho, e espreitou o cavalo. Sustendo a respiração, como se estivesse a ser audível, perscrutou as redondezas em busca de outros sinais de vida. Mas não havia mais nada, somente o cavalo. Cato praguejou silenciosamente; onde estava o cavaleiro? O cavalo estava preso. O cavaleiro tinha que estar por ali. Cato apertou com mais força o seu dardo de arremesso.

A poucos passos de distância alguém tossiu, e antes que um Cato pasmado pudesse reagir, um homem ergueu-se do outro lado do tronco, virado para o lado oposto ao seu e puxando para cima os seus calções grosseiros de lã.

— Merda! — Cato tentou erguer a lança.

O homem virou-se, olhos cintilantes, dentes à mostra sob um bigode ruivo, o seu cabelo viscoso eriçado em pontas matizadas debaixo do elmo de bronze. Por um momento, ambos permaneceram imóveis, entorpecidos pela surpresa. O bretão reagiu primeiro. Pegou em Cato pelas alças dos ombros e com um puxão poderoso arrastou-o e atirou-o

para o meio de um monte de seixos perto da margem do rio. O impacto tirou o ar dos pulmões a Cato. Um punho foi de encontro à sua boca, e o mundo tornou-se cegamente branco. Ouviram-se gritos, a visão regressou e viu o bretão em cima de si, a espada meia desembainhada, a olhar para o tronco da árvore. Depois o homem desapareceu, dispersando seixos à sua passagem, enquanto mãos amistosas puxavam Cato.

— Estás bem?

— Não o deixem escapar! — arfou Cato. — Agarrem-no!

Pirax largou o seu optio abruptamente e correu no encalço do bretão, seguido pelo resto da secção que escalava o tronco da árvore.

Quando Cato recuperara o suficiente para se levantar, já tudo tinha acabado. O rosto do bretão estava virado para baixo na orla do rio a dez passos do cavalo, um par de dardos sobressaindo das suas costas. O cavalo tinha sacudido as rédeas e liberto o nó. Mirava agora desconfiadamente os forasteiros, como se esperasse em vão pelo regresso do seu dono.

— Alguém que agarre o cavalo! — ordenou Cato. A última coisa que lhe faltava era que o animal fugisse e fosse localizado por outros batedores bretões. Um dos homens pousou o seu escudo e elmo e moveu-se rapidamente para o cavalo.

— Faz um ruído como se fosses uma uma cenoura — sugeriu Pirax sem que fosse grande ajuda, antes de pegar no braço de Cato. — Tudo bem, Cato?

— Já não morro desta.

— Quase que te afogou nelas! — Pirax acenou para as fezes junto ao tronco.

— Não tem graça. — Cato sentiu o queixo, latejando do golpe, e viu sangue de um lábio cortado na mão. — Filho da puta!

— Dá graças por não ter sido pior. Tinha-te feito em pedaços se pudesse.

— Não consegui vê-lo. — Cato começou a corar.

— Não é nenhuma vergonha, optio. Estou apenas grato por teres comandado a partir da dianteira.

— Obrigado — resmungou Cato. Mandou um homem vigiar a curva seguinte do rio enquanto estudava a situação. O corpo e o cavalo tinham que desaparecer. O corpo era simples, e a patrulha colocou-o rapidamente sob o tronco e empilhou seixos e ramos para o esconder de vista. O cavalo era um desafio maior. Com a besta bem atada a um cepo, Cato desembainhou a espada com cabo de marfim que Bestia lhe deixara e aproximou-se prudentemente. Não lhe agradava aquela tarefa e o trabalho não era facilitado pelos olhos brilhantes que o fitavam.

— Vamos lá, cavalinho — disse suavemente. — Vamos acabar com isto rapidamente.

Elevando a arma, deu um passo para o lado e procurou um ponto para golpear.

— Optio!

Cato olhou em redor e viu Pirax a gesticular mais abaixo. O homem que vigiava estava aninhado e a acenar freneticamente para chamar a atenção. Cato acenou em resposta e o homem atirou-se ao chão.

— Esperem aqui. Mantenham o cavalo quieto.

Cato correu em direcção ao homem, agachando-se nos últimos passos antes de se deitar ao lado do vigia. Do outro lado

da curva do rio estava um pequeno açude, uma parte obstáculo natural e a outra feita pelo homem para funcionar como ponto de passagem. O som da água a cair num rugido abafado chegava aos seus ouvidos. Mas o que atraíra a atenção do vigia fora o grupo de cavaleiros bem para lá do açude. Viram um dos bretões destacar-se do grupo e vir na sua direcção, as mãos em concha e a gritar algo inaudível acima do estrépito do açude.

— Estão à procura do homem — apercebeu-se Cato. — Querem certificar-se se ele viu alguma coisa.

— E se não o encontrarem?

— Vão suspeitar e começar à procura. Não podemos deixar que isso aconteça.

O vigia olhou para os bretões. — Não podemos com eles. São muitos.

— Claro que não podemos. Em qualquer dos casos, duvido que eles combatessem. Estão a fazer o mesmo trabalho que nós. Encontrar o inimigo e informar, mais nada. Mas não os podemos deixar preocupados com um dos seus batedores. — Cato viu o bretão a aproximar-se com o cavalo, ainda a gritar algo. — Espera aqui e esconde-te bem.

Cato voltou para junto do resto da patrulha. Examinou o bretão morto e olhou para os seus homens. — Pirax! Sabes montar?

— Sei, Optio.

— Ótimo, põe o manto e o elmo deste homem, o mais depressa possível.

Pirax olhou espantado.

— Não penses, faz!

Tirando os dardos do corpo, a patrulha despiu rapidamente o manto e as polainas e deu-os a Pirax. Com uma aversão

severa o veterano vestiu os trajes grosseiros do bretão e atou as alças do elmo de bronze. Depois montou o cavalo. O animal intimidou-se por uns instantes, mas uma mão firme nas rédeas e uma pressão firme nos flancos conseguiram acalmá-lo.

— Agora vai para a curva do rio e espera lá.

— E depois?

— Depois fazes o que eu te mandar.

A patrulha seguiu Pirax e depois agacharam-se no mato ao longo da margem. Do seu local vantajoso Pirax conseguia ver o bretão a aproximar-se, a chamar o seu companheiro a não mais de cento e cinquenta passos de distância, quase ao nível do açude.

— Que faço? — perguntou calmamente.

— Acena com o braço como que a dizer que não viste nada.

— Como é que faço isso? — perguntou Pirax.

— Como é que queres que eu saiba? Não sou nenhum encenador de teatro! Improvisa.

— E se ele não ficar satisfeito?

— Então a legião vai entrar em combate mais cedo do que estava à espera.

— Ele já me viu! — Pirax contraiu-se nervosamente, antes de se lembrar de levantar um braço em saudação.

Cato arrastou-se para a frente até conseguir vislumbrar o bretão a aproximar-se por entre os fetos matizados pelo sol e urtigas. O homem chegara ao açude e controlava o cavalo. Voltou a chamar, embora as palavras permanecessem indistintas sob o rugido da água que corria. Pirax acenou com a mão, e depois elaborou uma elaborada e demorada vénia. O bretão virou-se e gritou para os seus companheiros que estavam

pouco atrás. Depois de uma breve troca de palavras, o bretão bateu com os calcanhares nos flancos do cavalo e continuou a aproximar-se da curva do rio.

— E agora? — perguntou Pirax subtilmente.

— Quando eu disser “agora” tu acenas-lhe e levas o cavalo mais para trás até ficares fora do alcance da vista dos outros. Nós depois tratamos-lhe da saúde.

— Está bem. E depois?

— Uma coisa de cada vez.

Enquanto Cato continuava escondido a observar, o cavaleiro acercava-se; o seu comportamento era casual e despreocupado, a saborear o Sol matinal de Verão. Cato contorceu-se um pouco para desembainhar a espada lentamente. Seguindo a sua deixa, os outros homens prepararam-se para quando o bretão passasse por eles. Depois, quando o homem não estava a mais de cem pés de distância, perto o suficiente para Cato vislumbrar apenas um jovem debaixo do elmo, o clamor agudo de uma trompa de guerra céltica soou rio acima. O bretão parou o cavalo e virou-se para trás em direcção ao grupo de cavaleiros. Eles estavam a rodar as montadas, os braços a acenarem freneticamente, gesticulando para que ele voltasse depressa. Com um grito final para Pirax, o jovem bretão rodou o cavalo e trotou até aos seus companheiros que já estavam a subir a encosta em direcção à passagem fortificada do rio.

— Que faço agora? — perguntou Pirax.

— Nada. Deixa-te estar até eles saírem da vista.

Como Cato esperava, os bretões estavam com demasiada pressa para dispensarem atenção ao solitário batedor bretão e desapareceram no meio das árvores sem olhar para trás.

Quando o jovem desapareceu nas árvores, Pirax relaxou as rédeas e andou para a frente.

— Merda! Foi por pouco.

— Bom trabalho! — Cato sorriu enquanto se erguia e afofou o cavalo, perto do focinho.

— Que foi aquilo? O toque de uma trompa?

— Julgo que eles já deram com os batavianos. É melhor ires ter com Vespasiano e dizer-lhe o que se passou. Nós continuaremos rio abaixo, mas duvido que encontremos mais batedores. Podes ir.

— Está bem. — Pirax puxou as rédeas e bateu com os calcanhares.

— Pirax! — chamou Cato. — É melhor livrares-te desse elmo e do manto antes de ires, isto se quiseres sobreviver o tempo suficiente para fazeres o relatório.

X

A massa distante da infantaria e da cavalaria estava a formar atrás das fortificações bretãs quando Vitélio olhou ansiosamente para nordeste. Era quase meio-dia, o céu estava de um azul profundo e o Sol batia nos dois exércitos de frente um para o outro de cada lado do rio. Do local onde estava usufruía de uma vista gloriosa sobre a paisagem, a maior parte da qual limpa para o cultivo de cereais, que ondulavam suavemente como lençóis de seda verde na brisa leve. Esta terra daria uma excelente província ao Império, decidiu, assim que os seus habitantes se submetessem a Roma e adoptassem os modos civilizados. Mas essa submissão não estava próxima. Na realidade esta gente estava a revelar-se um osso duro de roer, mais do que haviam levado o exército a crer. Faltavam-lhes os conhecimentos tecnológicos da guerra moderna, mas combatiam com um ímpeto impressionante.

Assim que os navios de guerra romanos gastaram as suas munições incendiárias, os bretões precipitaram-se para fora das terraplanagens e atiraram uma camada de baldes de vime cheios de seixos para se protegerem dos lançadores de dardos enquanto reparavam os estragos. Muitos homens haviam sido mortos no processo, mas os bretões simplesmente puxavam os corpos para cima do aterro. Um guerreiro em particular estava a provar ser extremamente irritante para as equipas de artilharia romana. Era um homem enorme, com um elmo com asas sobre o seu cabelo loiro, estava nu junto à água, a insultar os

navios romanos enquanto acenava desafiadoramente um machado de duas cabeças. Por vezes virava as costas e mostrava o rabo ao inimigo, desafiando-os a fazerem o seu pior. A marinha estava irritada por este desafio arrogante e os lançadores de dardos na trirreme mais próxima mudaram-se para mais perto do guerreiro bretão. Ele demonstrava ser notavelmente ágil e até ao momento tinha conseguido evitar os dardos disparados sobre si. Na realidade, quando mais insultuoso se tornava, pior era a pontaria das unidades no desespero de o apanhar.

— Idiotas! — resmungou o General Pláucio. — Não conseguem ver o que ele está a fazer?

— Senhor?

— Veja, Vitélio — apontou o General. A embarcação que estava a concentrar o fogo no guerreiro estava a servir de escudo aos bretões em relação às outras trirremes, e o trabalho de reconstrução deles continuava sem problemas. — Maldita marinha! Deixam o orgulho prevalecer sobre os miolos, como sempre.

— Devo mandar um mensageiro ao prefeito de frota, senhor?

— Não adianta. Quando chegasse ao capitão daquele barco já os sacanas dos bretões teriam terminado e iriam a caminho da sesta. Tudo porque um oficial mais sensível da marinha não conseguiu rivalizar com um bárbaro que lhe está a mostrar o cu.

Vitélio captou a nota de cansaço na voz do General e apercebeu-se que os planos da noite anterior começavam a desmoronar. Não só a marinha tinha falhado na destruição das defesas, como não tinha também feito estragos suficientes para

limpar o caminho para o ataque de infantaria subsequente. E, longe de desmoralizar os bretões, a marinha fizera os romanos parecerem uns idiotas por dirigirem a sua ira contra um guerreiro nu. Quando a Nona atravessasse o vau enfrentaria um inimigo encorajado atrás das fortificações. O sucesso do ataque já não era uma certeza. Para agravar mais o problema, não houvera qualquer notícia do progresso da Segunda Legião desde que tinham atravessado o rio à primeira luz da manhã. Se Vespasiano estivesse em conformidade com o plano, estaria quase em posição, pronto para atacar o flanco direito dos bretões.

Do outro lado do campo de batalha tinham chegado notícias do prefeito no comando das coortes Batavianas de que a travessia fora bem sucedida. O inimigo fora apanhado em contrapé e todos os homens tinham tido tempo de formar na margem oposta antes que os bretões pudessem lançar um contra-ataque sério. Melhor ainda, os batavianos tinham atacado uma unidade grande de carros. Assoberbados por essas armas impressionantes mas demasiado antigas, os batavianos lançaram-se sobre eles, atacando primeiro os cavalos, como o General Pláucio ordenara. Sem os cavalos, os carros eram inúteis, e tudo o que restava era fazer caretas aos lanceiros e condutores sem cavalos.

Até ver, tudo bem.

Mas agora, Carátaco conhecia as fraquezas das forças romanas no flanco esquerdo e movia-se rapidamente para cercar os batavianos e empurrá-los para o rio. Se isso fosse feito com rapidez suficiente ele conseguiria redistribuir as suas forças e defender o próximo ataque que Pláucio preparava. Era este o momento da Nona Legião avançar, para retirar pressão aos

batavianos e sugar mais bretões para defesa das fortificações em redor do vau. E quando as últimas reservas de Carátaco estivessem comprometidas, a Segunda Legião emergiria da floresta a sudeste e esmagaria o inimigo num torno de ferro.

— Oh, senhor! — Vitélio riu subitamente. — Olhe para ali!

O guerreiro nu pagara finalmente o preço da sua ousadia, estava sentado, pernas abertas esticadas e contorcia-se com um dardo que se tinha alojado na anca. Pela quantidade de sangue que jorrava para a lama pisada à sua volta, uma artéria principal fora cortada pelo dardo. Enquanto olhavam, o guerreiro foi atingido no rosto por outro dardo; o elmo e a cabeça rebentaram em fragmentos de sangue quando o torso foi impellido para trás com o impacto.

— Boa! — assentiu o general. — Isso deve agradar à marinha. Tribuno, está na hora do ataque principal. É melhor pedir um escudo a alguém.

— Senhor?

— Preciso de um bom par de olhos no terreno, Vitélio. Vá na primeira leva e tome nota de todas as defesas que encontrar, a natureza das imediações, e qualquer terreno que possamos explorar se tivermos que repetir tudo novamente. Quero o relatório assim que regressar.

Se regressar, reflectiu Vitélio amargamente quando tomou consciência da tarefa que enfrentava a Nona Legião. Seria perigoso, muito perigoso. Mesmo se sobrevivesse, havia sempre a hipótese de sofrer um ferimento tão desfigurante que faria com que as pessoas virassem a cara para o lado. Vitélio era vaidoso o suficiente para desejar affecto e admiração, bem como poder. Perguntava-se se o general poderia ser persuadido a en-

viar um oficial mais dispensável no seu lugar e olhou para ele. Mas Pláucio olhava para ele de perto.

— Não há razão para atrasos, Tribuno. Pode ir.

— Sim, senhor. — Vitélio fez a continência e requereu imediatamente um escudo a um dos guarda-costas do general, antes de se dirigir para as duas coortes da Nona Legião designadas para o primeiro ataque.

As restantes oito coortes estavam sentadas na erva pisada no declive que levava ao rio. Estava-lhes garantida uma vista espectacular do ataque e aclamariam os seus companheiros com toda a força dos pulmões quando chegasse a hora, a maioria imbuída de um sentido de auto-preservação, pois se a primeira leva falhasse, cedo chegaria a vez deles defrontarem os bretões. Vitélio percorreu o caminho por entre a unidade e dirigiu-se às linhas da Primeira Coorte, a tropa de choque de cada legião, uma unidade dupla encarregue das missões mais perigosas em qualquer campo de batalha. Mais de novecentos homens em sentido, as lanças na vertical, vigiando silenciosamente os perigos à sua frente.

O legado da Nona, Hosídio Geta, estava logo atrás da Primeira Centúria. Ao seu lado estava o centurião-chefe da legião e atrás deles o corpo de comando cercado o estandarte da Águia.

— Boa tarde, Vitélio — cumprimentou Geta. — Vens juntar-te a nós?

— Sim, senhor. O general quer que alguém analise o terreno na hora do ataque.

— Boa ideia. Faremos o melhor para que consigas fazer o teu relatório.

— Obrigado, senhor.

As cabeças viraram-se para a resposta carregada de ironia mas o legado foi cavalheiro o suficiente para deixar passar.

Entretanto, as trompetas do quartel-general emitiram o sinal da unidade, seguido de uma pausa e depois da ordem para avançar.

— É para nós. — O legado acenou para o centurião-chefe. Geta apertou a correia do seu elmo com grande aparato e inspirou fundo para dar as ordens.

— Primeira Coorte, preparar para avançar! — Três batidas, e depois: — Avançar!

Com o centurião-chefe a coordenar os passos, a coorte moveu-se numa massa ondulante de elmos de bronze, tinindo as ligações das cotas de malha e com as pontas de dardos de arremesso a cintilarem, linha após linha de homens a marchar directamente para a orla do rio onde a água corria sobre um monte de seixos e ervas daninhas.

Vitélio posicionou-se mesmo atrás do legado, concentrado em manter o passo coordenado com o corpo de comando. Quando deu por si estava no rio, chapinhando na água castanha que rodopiava agitada na esteira da Primeira Centúria. À sua direita a trirreme mais próxima parecia ser uma vasta fortaleza flutuante, erguendo-se a apenas cinquenta passos de distância. Os rostos da tripulação eram claramente visíveis no convés à medida que apressavam o bombardeamento da outra margem, amolecendo os defensores o mais possível antes dos seus companheiros do exército lá chegarem. A pancada forte das catapultas e os estrondos agudos dos lançamentos de dardos faziam-se sentir claramente na água, e ouviam-se mesmo por cima do barulho da infantaria a atravessar o rio.

A água chegou rapidamente às suas ancas e Vitélio notou

alarmado que tinha percorrido menos de um terço do caminho. O aumento da profundidade abrandou o avanço e as linhas dianteiras começavam a chocar umas com as outras. Os centuriões das unidades seguintes abrandaram o passo e a coorte começou a andar com dificuldade, a água aque subia firmemente já estava quase a meio do peito. Vitélio apercebeu-se que se estavam a aproximar da margem oposta, a cinquenta passos de distância, e daquela massa erguida para servir de fortificação às forças bretãs.

Subitamente ouviu-se um grito agudo à frente, depois mais alguns; a fila da frente encontrava a primeira série de obstáculos submarinos, várias fileiras de estacas enterradas no leito do rio.

— Sair de formação! — gritou o centurião-chefe, o mais alto que podia. — Sair de formação e tenham cuidado com o raio desses espigões! Quando os encontrarem, puxem-nos e continuem!

A linha avançada vacilou e depois parou, enquanto os homens da Primeira Coorte faziam a sua travessia, parando para tirar as estacas, dois ou três homens de cada vez. O caminho foi ficando gradualmente limpo e a linha avançada começou a passar para trás uma mão cheia de feridos. A Primeira Centúria já tinha saído do rio e formava na margem enlameada quando as unidades seguintes passaram pela brecha sem estacas.

Geta virou-se para Vitélio com um sorriso forçado. — Temo que isto vá começar a aquecer, portanto mantenha esse escudo bem para cima!

As trirremes pararam de bombardear e o ruído de dardos e rochas a voarem pelo ar cessaram. A trajectória ficava agora

demasiado próxima das cabeças da infantaria para que pudessem continuar. Assim que a barragem de artilharia parou, ouviu-se um grande rugido e o zurro de trompas de guerra bretãs por trás das fortificações. Ao longo de toda a paliçada o inimigo ergueu-se e preparou-se para defrontar os seus atacantes. Um estranho som vibrante encheu o ar e, antes dos romanos poderem reagir, a primeira salva de tiros de funda embateu na fileira dianteira da coorte, atirando homens ao solo enquanto a mistura perversa de pedras e chumbo atingia os alvos. Vitélio levantou o escudo mesmo quando um projectil atingiu a bossa, e o impacto sacudiu cada osso e nervo até ao cotovelo tirando-os do seu entorpecimento. Olhando em redor viu que a Primeira Coorte fora atirada ao chão, abrigando-se o melhor que podiam. Mas a linha curva da fortificação significava que o fogo provinha de três lados e continuava a reduzir gradualmente os atacantes. Ao mesmo tempo, a Segunda Coorte estava a emergir do rio. A não ser que se fizesse algo imediatamente, o ataque desmoronar-se-ia numa massa pesada que ofereceria aos atiradores bretões os melhores alvos possíveis.

Geta estava agachado ao lado de Vitélio no meio do corpo de comando. Verificou a presilha do seu elmo, segurou o escudo perto e levantou-se. — Primeira Coorte! Formação tartaruga pelas centúrias!

A ordem foi retransmitida em voz alta pelo centurião-chefe e os legionários de cada centúria foram empurrados para trás pelos seus centuriões. Os homens aperceberam-se que a tartaruga era a melhor hipótese de sobreviver ao ataque, e formaram rapidamente a parede e o tecto com os escudos protectores. O corpo de comando abrigou-se por trás dos escudos dos guarda-costas de Geta e viram a tartaruga marchar em

direcção às fortificações, sob um constante e eficaz bombardeamento. Quando as centúrias seguintes alcançaram a margem receberam a mesma ordem e todas as formações foram enviadas para diferentes secções das defesas. O solo lamacento entre o rio e as fortificações estava pejado de mortos e feridos. Aqueles que podiam abrigavam-se com os escudos contra os mísseis bretões que giravam pelo ar. Vitélio estava tomado por uma sensação doentia de medo e excitação quando a Primeira Coorte alcançou o fosso exterior e, esforçando-se por manter a formação, oscilava lentamente sobre a extremidade.

Quando a tartaruga atingiu o declive da paliçada foi dada uma ordem firme. A formação dissolveu-se e cada homem trepou as fortificações em direcção aos guerreiros bretões lançando gritos de guerra por baixo dos seus estandartes ondulantes. Com a inclinação íngreme contra eles e atafalhados com equipamentos pesados, os legionários pagaram um preço alto. Muitos foram varridos pelos golpes das longas espadas e machados dos bretões, e caíram no fosso, arremessados por cima dos seus companheiros enquanto caíam. Aqui e ali uma mão cheia de homens forçava o caminho por entre ou sobre a paliçada, mas a força dos números estava contra eles e estes bravos foram rapidamente submergidos e lançados encosta abaixo.

O combate espalhou-se ao longo do muro mas as outras coortes não fizeram melhor e o número de corpos romanos espalhados pelo declive aumentava cada vez mais.

— Senhor, devemos retirar? — perguntou Vitélio ao legado.

— Não. As ordens são claras. Continuamos até Vespasiano atacar a retaguarda deles.

Os oficiais assistentes do legado trocaram olhares apreensivos. A Nona estava a ser cruelmente punida por ter atacado

à cabeça; estavam a sangrar até à morte enquanto esperavam pelo ataque da Segunda Legião. Olhando em redor, Geta presenciou a dúvida nos seus homens.

— A Segunda vai atacar a qualquer momento. Só temos que aguentar até lá.

Mas Vitélio já podia detectar uma mudança no combate ao longo da paliçada. Os legionários já não se esforçavam por subir o declive, estavam a ser obrigados a fazê-lo pelos seus centuriões, empurrados para o ataque pelos golpes das varas. Em alguns locais os homens estavam mesmo a cair da paliçada por causa do esforço e, lentamente, a perder a vontade de continuar a luta. Os sinais eram claros para todos no corpo de comando. O ataque estava a desmorronar-se à sua frente.

Se Vespasiano não lançasse a sua investida imediatamente os esforços dispendiosos da Nona teriam sido em vão.

XI

— Porque é que não atacamos?

— Porque não recebemos ordens — respondeu Macro severamente. — E devemos ficar bem sentados e quietos até ordem em contrário.

— Mas, senhor, olhe para eles. A Nona Legião está a ser massacrada.

— Eu sei muito bem o que se está a passar, rapaz, mas está fora das nossas mãos.

Deitada de barriga para baixo na mata que crescia ao longo do cume da encosta, a linha da Sexta Centúria olhava sem nada poder fazer para os bretões a repelirem o ataque da Nona. As coortes da Nona que restavam já estavam fartas da luta desesperada. Para o optio inexperiente aquilo era uma agonia insuportável. A pouco mais de uma milha os seus companheiros estavam a ser chacinados enquanto tentavam tomar de assalto as fortificações. E a menos de cem jardas atrás dele os homens da Segunda Legião sentavam-se em silêncio, ocultos pelas sombras das árvores. Com uma simples ordem eles podiam descer a encosta, apanhar os bretões entre as duas Legiões e esmagá-los completamente. Mas a ordem não fora dada.

— Aí vem o legado. — Macro acenou com a cabeça para o declive junto às árvores. Vespasiano vinha a correr na direcção deles, o elmo enfiado debaixo do braço. A poucos passos da linha o legado deixou-se cair e rastejou para a beira de Macro.

— Como está a correr com a Nona, centurião?

- Nada bem, senhor.
- Algum sinal de movimento nas reservas inimigas?
- Nenhum, senhor.

Atrás das linhas bretãs, milhares de homens estavam sentados, esperando calmamente a ordem para combater. Vespasiano sorriu com uma irónica admiração em relação à calma do general inimigo. Carátaco sabia o valor da manutenção de uma reserva fresca à mão e tinha um controlo firme sobre a sua coligação de soldados tribais. A caça egoísta da glória tribal conduzira à destruição de mais do que um exército céltico no passado. Carátaco até tinha resistido ao isco bataviano que Pláucio oferecera. Apenas alguns homens tinham sido enviados para repelir os auxiliares romanos e empurrá-los contra o rio. Ali, à distância, bem para lá das fortificações que defendiam o vau, um movimento confuso de homens e cavalos mostrava a dificuldade dos batavianos.

Vespasiano afastou-se do espectáculo. A compaixão pelos seus companheiros impelia-o a ordenar à sua legião que carregasse em auxílio. Mas essa tentação fora prevista por Áulio Pláucio, e o general realçara que as suas ordens tinham que ser seguidas à letra. A Segunda tinha que se manter escondida até que Carátaco convocasse as reservas para defender as fortificações. A ordem para avançar seria dada pelo congregado de trombeteiros do quartel-general na margem romana. Só quando os bretões estivessem totalmente envolvidos em combate é que Vespasiano seria autorizado a lançar o ataque. Só nessa altura.

Vespasiano reparou que o optio lhe estava a lançar um olhar amargo, e para enfatizar o rapaz fez um aceno imperceptível para a encosta abaixo. O gesto insubordinado era deli-

berado, mas também compreensível, e Vespasiano esforçou-se para o ignorar.

— Desejoso por começar, jovem Cato?

— Sim, senhor. Assim que possamos, senhor.

— Boa, rapaz! — Vespasiano bateu-lhe no ombro antes de se virar para o centurião. — O corpo de comando está ali dentro do bosque. — Apontou para o local onde o corpo de comando da legião estava a tentar não se fazer notar na orla das árvores. — Se houver algum desenvolvimento no rio, envie-me um mensageiro imediatamente.

Enquanto o legado rastejava às arrecuas pela encosta, sentiu os olhos da Sexta Centúria a segui-lo com o ressentimento que todos os soldados sentem pelos oficiais superiores que parecem sacrificar os seus homens sem necessidade. Claro que era injusto, Vespasiano recebera ordens e não podia fazer nada para alterar a situação. Ele partilhava o olhar zangado de Cato e gostaria de ter explicado detalhadamente o plano de batalha do general e demonstrar porque é que os homens da Segunda tinham que ficar sentados a ver os seus companheiros morrer. Mas partilhar tais confidências com um *optio* era impensável.

O corpo de comando moveu-se ainda mais indiscretamente em direcção à orla das árvores à medida que o legado se aproximava.

— Que diabo estão vocês a fazer? — gritou zangado. — Dei-vos ordens para se manterem fora do campo de visão! — Quando já estavam de novo no meio das árvores, o legado chamou os oficiais superiores para a sua beira.

— Quero a legião a vinte passos do cume da encosta. Devem ficar em formação prontos para entrar em combate,

e avançar assim que eu dê a ordem. O corpo de comando comigo.

Enquanto os tribunos e os centuriões superiores dispersavam para passar as ordens ao resto da legião, Vespasiano conduziu o corpo de comando para o lugar indicado e uma linha de batalha foi rapidamente demarcada com pequenas estacas pintadas de vermelho próprias para o efeito. Deixando os oficiais assistentes entregues aos seus serviços, o legado voltou a juntar-se à Sexta Centúria e ficou horrorizado por ver as novas pilhas de corpos romanos espalhadas no lado errado das defesas do vau. Na margem oposta do rio outra Legião, a Décima Quarta, marchava em passo rápido em direcção aos bancos de areia para auxiliar a Nona. Enquanto a Primeira Coorte mergulhava na corrente frouxa, passando a coluna de feridos de volta para as linhas romanas, Cato levantou-se na erva alta ao lado do legado, içando o pescoço para ver melhor.

— Abaixa-te, idiota!

Cato obedeceu instantaneamente e depois virou-se para o legado. — Senhor! Está a ver? O rio está a ficar mais fundo.

— Mais fundo? Tolice! A não ser que a maré...

O legado levantou rapidamente a cabeça e olhou atentamente para o rio. O *optio* tinha razão, estava mais fundo. Vespasiano podia ver que a maré ameaçava tornar o vau intransponível. Quando a Décima Quarta tivesse atravessado, a água estaria demasiado profunda para permitir uma retirada. Com um temor frio apercebeu-se que isto era algo que ninguém tinha considerado na noite anterior, quando o general revira o plano. Certamente vê-lo-ia agora. Certamente iria ordenar o sinal de avançar antes que duas legiões romanas ficassem isoladas na zona de morte, no lado bretão do rio. Mas não houve

quaisquer sinais de trompeta, nenhum ruído agudo das buzinas para impedir os homens da Décima Quarta de partilharem o destino da Nona. Em vez disso, a legião passou o vau com dificuldade, de peito feito na corrente forte.

— Pobres sacanas! — murmurou Macro. — Vão ser crucificados.

As fileiras desordenadas da Décima Quarta debateram-se ao longo do rio. A água dava quase pelo pescoço e os observadores no cume da colina podiam imaginar muito bem o medo dos homens lá em baixo. E continuava a não se ouvir qualquer sinal.

Atrás das linhas inimigas foi passando a palavra da nova ameaça que se aproximava das suas fortificações e as tribos movimentaram-se para o topo da leiva de terra para assistirem à chegada da outra legião. Qualquer sentido de organização que os chefes se esforçassem por manter dissolveu-se rapidamente à medida que os bretões corriam por entre as passagens grosseiras para ajudarem os seus companheiros na defesa da paliçada.

Vespasiano viu como densas colunas dos seus homens emergiram da floresta e se colocaram em posição. Mais alguns momentos e todos estariam prontos. Os seus ouvidos distenderam-se na tentativa de ouvir o primeiro som das trompetas ordenando o avanço da Segunda. Mas o ar manteve-se carregado com os sons da batalha em baixo, sem ser cortado por nenhuma trompeta. Quando a Segunda Legião completou a formação e ficou pronta para o ataque, os defensores da paliçada tinham sido engolidos por outros milhares que gritavam pelo seu quinhão no banho de sangue. E continuava a não se ouvir as trompetas.

— Algo não está bem.

— Senhor? — Macro virou-se para ele.

— Já devíamos ter ouvido as trompetas do quartel-general.

Então um pensamento aterrador ocorreu a Vespasiano. Talvez não tivesse ouvido o sinal. Talvez a ordem já tivesse sido dada e os homens lá em baixo no rio estivessem desesperadamente a olhar para a encosta em busca de um sinal de alívio.

— Algum de vocês ouviu alguma coisa enquanto estive com o corpo de comando? Algum sinal?

— Não, senhor — respondeu Macro. — Nada.

XII

— Onde raios está a Segunda? — perguntou amargamente Vitélio, e já não era a primeira vez. O legado Geta trocou um olhar com o seu centurião-chefe e ergueu levemente as sobrancelhas antes de se aproximar cuidadosamente do tribuno que se abrigava debaixo do seu escudo.

— Um pequeno aviso: os oficiais devem sempre ter em conta o efeito que a sua atitude tem nos homens que os rodeiam. Se quer construir uma carreira no exército deve dar um bom exemplo. Por isso deixemo-nos desta parvoíce sobre a Segunda, está bem? Agora levante-se do chão e ponha-se direito.

Inicialmente, Vitélio ficou incrédulo. Ali estavam eles, no meio de um desastre militar de primeira grandeza, e Geta estava preocupado com a etiqueta. Mas os olhares de desprezo que lhe eram dirigidos pelos veteranos da equipa de comando embaraçavam-no. Acenou com a cabeça, engoliu em seco, e levantou-se, assumindo o seu lugar junto dos outros oficiais e porta-estandartes. O fogo que atraíram inicialmente dos atiradores britânicos tinha diminuído logo que as Coortes tinham atacado a paliçada e agora só se ouvia um ou outro disparo ocasional naquela direcção.

Mesmo assim, dois dos tribunos da Nona tinham sido abatidos. Um jazia aos pés do estandarte da Águia, a cara desfeita pelo impacto de um tiro certo. O outro tinha sido atingido no queixo. O osso ficara esmagado. O jovem oficial estava pálido pelo esforço que fazia para não gritar ao ver o

osso a perfurar-lhe a carne. Vitélio sentiu-se aliviado quando um legionário entroncado pôs o tribuno aos ombros e se dirigiu para o rio.

E descendo a encosta com o olhar viu que na água vinha a Décima Quarta Legião. Por um instante Vitélio recuperou o ânimo com a perspectiva dos reforços, um sentimento compartilhado por todo o regimento, até repararem que a maré subia lentamente. Vitélio voltou-se para o legado sem esconder o seu medo.

— O que é que o General está a fazer?

— Faz tudo parte do plano — respondeu calmamente Geta. — Como deve saber, pois estive na reunião. A Décima Quarta vinha reforçar-nos se precisássemos deles. Pelos vistos, precisamos.

— Mas o rio! Não vamos poder regressar se não retirarmos agora, senhor. — Vitélio olhou para o regimento com desespero. Certamente que alguém concordaria com ele, mas o desprezo nos seus rostos aumentara. — Não podemos ficar aqui sentados, senhor. Temos de fazer alguma coisa. Antes que seja tarde de mais.

Geta observou-o em silêncio por um bocado, depois estreitou os lábios e acenou em concordância. — Tem toda a razão, Vitélio. Temos de fazer alguma coisa. — Voltando-se para o regimento, desembainhou a sua espada. — Ergue a Águia. Vamos atacar.

— O quê? — Vitélio olhava estarecido de espanto para ele, e abanava a cabeça, tentando desenfreadamente pensar numa maneira de persuadir o legado a desistir dessa ideia maluca. — Mas, senhor. A Águia, e se a perdemos?

— Isso não vai acontecer, uma vez que os homens vão

vê-la bem lá à frente. Depois lutarão até à última gota de sangue para obter a vitória, ou morrer em sua defesa.

— Mas ela estaria mais segura onde está agora, senhor — argumentou Vitélio.

— Olhe para ali, Tribuno! — exclamou Geta com desgosto. — É uma Águia que está naquele estandarte, não uma maldita galinha. É suposto inspirar coragem nos homens, e não salvar-lhes a pele. Já estou farto do seu choramingar. É suposto ser um herói. Pensei que fosse salvar a Segunda Legião! Agora lembro-me... Mas está connosco agora, e eu preciso de todos os homens que encontrar. Por isso, cale o bico e pegue na maldita espada.

A frieza na voz do legado era arrepiante. Sem mais uma palavra, Vitélio desembainhou a espada e foi para trás do regimento. Geta comandou-os em corrida até junto da Primeira Coorte que se batia por uma brecha na paliçada. Os mortos e os feridos cobriam a encosta. Consoante a companhia pressionava a paliçada, os guerreiros britânicos embatiam sobre eles, soltando gritos de guerra ensurdecedores. Por fim, a Águia da Nona ergueu-se sobre a confusão e os legionários responderam aos gritos britânicos com um forte rugido.

— Viva a Hispânia!

Os romanos caíram sobre o inimigo com energia e agressividade renovadas, e as lâminas faiscantes das curtas espadas romanas rasgavam com uma eficácia mortífera à medida que o grito de guerra aumentava por toda a paliçada.

— Viva a Hispânia!

Vitélio mantinha-se em silêncio, de dentes cerrados, conforme avançava pela encosta com o regimento. Subitamente viu-se pressionado contra a paliçada, uma fila de postes de ma-

deira derrubados no chão. Por cima dele estava um enfurecido guerreiro bretão, escuro contra o brilhante céu azul, com o machado pronto a atacar. Instintivamente, Vitélio empunhou a espada em direcção à cara do homem e aninhou-se debaixo do seu escudo. Ouviu-se um grito agudo de agonia momentos antes do machado embater contra o rebordo revestido do escudo. As pernas de Vitélio falharam um pouco e depois levantou-se de novo. Um enorme centurião estava ao seu lado, os seus enormes braços agarravam uma estaca de madeira que ele tentava arrancar do chão.

— Derrube a paliçada! — gritou o centurião, agarrando na próxima estaca. — Derrube-a!

Outros homens imitaram-no, e pouco depois já havia uma série de buracos na paliçada, e a Nona começou a forçar a sua entrada em direcção à rampa que se seguia. À esquerda de Vitélio ergueu-se a Águia, e os bretões encaminharam-se para lá movidos pelo desejo selvagem de arrancar o estandarte inimigo e de lhe destruir o ânimo. A luta pela Águia desenvolveu-se com uma intensidade tal que Vitélio não imaginara possível entre seres humanos. Voltou as costas a essa cena desgastante e incentivou os legionários à sua volta a pressionar a paliçada, empunhando a sua espada na direcção dos bretões.

— Avancem, rapazes! Avancem! Matem-nos! Matem-nos a todos!

Nenhum homem lhe prestou atenção conforme avançavam. Só quando viu que havia romanos suficientes na rampa para formar uma barreira entre ele e o inimigo é que Vitélio trepou pela paliçada destruída e saltou para a rampa. Daquela altura podia avaliar rapidamente o campo de batalha. De ambos os lados a frente de batalha espalhava-se ao longo das

fortificações curvas. Por detrás da Nona, a Primeira Coorte da Décima Quarta emergia do rio e iria rapidamente engrossar a frente de assalto. Talvez já nem fosse precisa. A tentativa desesperada de Geta de forçar as defesas estava a ser bem sucedida e, enquanto isso, cada vez mais romanos enchiam a rampa e obrigavam os bretões a recuar pelo outro lado em direcção ao acampamento. Presentindo que a vitória estava ao seu alcance e impulsionados por um forte desejo de vingança pelo tormento passado junto ao rio, os homens da Nona forçavam barbaramente o seu avanço.

Vitélio ia com eles, incentivando os legionários a avançar pois queria juntar-se ao regimento. Encontrou-os num círculo de corpos – tanto romanos como bretões espalhados aos pés da Águia. A maioria dos oficiais tinha feridas da luta desesperada na rampa e Vitélio constatou que pouco mais de metade dos elementos do regimento ainda estavam de pé. Geta estava ocupado a dar ordens que seriam enviadas aos comandantes da coorte para impedir as unidades de se dispersarem em perseguição do inimigo. As tropas frescas da Décima Quarta fariam essa perseguição enquanto as da Nona asseguravam as fortificações pelas quais muitos tinham dado a vida.

— Aí está, senhor! — exclamou Vitélio com alegria. — Conseguimos, senhor! Vencemos!

— “Vencemos”? — Geta arqueou uma sobrancelha mas Vitélio continuou. Embainhando a espada ensanguentada, agarrou na mão do legado e apertou-a com emoção.

— Um desempenho brilhante, senhor. Deveras brilhante. Espere até Roma ouvir falar do que se passou!

— Julguei que o tínhamos perdido, Tribuno — afirmou Geta calmamente.

— Separei-me de vós na confusão, senhor. Ajudei os rapazes a chegar à rampa daquele lado.

— Estou a ver.

Os dois homens enfrentaram-se por uns instantes, o tribuno sorrindo efusivamente, a expressão do legado fria e distante. Vitélio quebrou o silêncio.

— E nem sinal da Segunda Legião! Esta é uma vitória exclusiva da Nona. A sua vitória, senhor.

— Ainda não acabou, Tribuno. Para nenhum de nós.

— Acabou para eles, senhor. — Vitélio moveu o braço na direcção do acampamento bretão, onde os soldados inimigos caminhavam para os portões.

— Talvez para eles. Com licença. — Geta voltou-se para os trombeteiros. — Toquem a chamada e a formatura.

Cada um dos trombeteiros inspirou fundo e aproximou a boca dos bocais. As notas pungentes explodiram numa breve melodia e depois continuaram a repetir-se. Lentamente os homens da Nona dispersaram e procuraram pelo estandarte da sua coorte. Mas antes que pudesse dar a ordem de retirada, Geta apercebeu-se de um ruído novo, um rugido arrepiante de gritos de guerra que vinha das traseiras do acampamento inimigo. Conforme os outros elementos do regimento tomavam consciência do ruído voltavam-se para a parte baixa do acampamento. Ao longo da linha de combate os homens permaneciam em silêncio e procuravam ouvir tanto os romanos como os bretões. Então um arrepio gelado percorreu os exaustos romanos, quando as reservas cuidadosamente guardadas de Carátaco irromperam pelo acampamento.

— Oh merda! — sussurrou Vitélio.

O legado Geta sorriu e desembainhou a sua espada novamente.

— Acho que o seu comentário anterior acerca do nosso triunfo foi bastante exagerado. Se chegarmos às colunas da Gazeta de Roma penso que será às do Obituário.

XIII

Vespasiano observou com grande angústia as reservas bretãs a embater como uma onda gigante ameaçando desfazer em pedaços a fina linha da Nona. A Décima Quarta Legião não estaria numa posição de dar apoio até que a luta na rampa tivesse acabado, e depois seria a sua vez de ser esmagada, sem qualquer possibilidade de retirada.

Junto ao legado, Cato constatou que o destino de todo o exército seria determinado pelo que se passasse dentro de instantes. Os bretões estavam à beira de uma vitória decisiva sobre os invasores romanos, e a simples consideração de uma tal calamidade enchia-o de um desespero impotente, como se o próprio mundo estivesse à beira da extinção. Agora só a Segunda Legião poderia impedir o desastre total.

Cato pensou ouvir por entre o murmúrio abafado da batalha o som esmorecido de uma trombeta, e aguçou os ouvidos para tentar distinguir novamente aquele som. Qualquer que tivesse sido o som que ouvira, já tinha desaparecido. Talvez tivesse sido algum truque de acústica, pensou, ou a nota perdida de uma corneta britânica. Voltou a ouvir-se mas mais distintamente agora. Cato voltou-se rapidamente para o seu legado.

— Senhor! Ouviu aquilo?

Vespasiano ergueu-se e ouviu atentamente antes de abanar a cabeça.

— Não consigo ouvir. Tens a certeza? É melhor ter a certeza.

Por um louco instante, Cato soube que tudo dependia dele. Sobre ele recaía o destino do exército.

— São trombetas, senhor! Ordenam que avancemos.

Vespasiano trocou um longo olhar com o optio e então concordou.

— Tens razão. Consigo ouvi-las. Manda avançar.

Vespasiano olhou por cima do ombro e, antes mesmo que as primeiras notas do sinal deixassem de soar, já a Segunda Legião avançava pela encosta acima. Vespasiano voltou-se então para os seus mensageiros.

— Passem a palavra, quero que cheguemos em formação. Se alguém se sentir inclinado a obter a glória para si e romper as fileiras, eu certificar-me-ei pessoalmente de que seja crucificado. Centurião Macro.

— Sim, senhor. — Macro permaneceu atento, agora que já não era preciso nenhum fingimento.

— Ponha a sua centúria em formação e junte-se à sua coorte.

— Sim, senhor.

— Boa sorte, Macro. — O legado acenou com seriedade.

— Precisamos de toda a sorte que conseguirmos arranjar.

Voltou-se depois e entrou na formação com o regimento que atingia o topo da encosta, constatando o enorme desafio que tinham pela frente. Até os veteranos prenderam a respiração e trocaram olhares surpreendidos. Já era tarde para voltar atrás na sua decisão, reflectiu Vespasiano. Já faltava pouco para a Segunda Legião ganhar uma nota de rodapé nas páginas da História por mérito próprio, e se os deuses fossem bondosos neste dia, a referência não seria póstuma.

Os centuriões marcaram o ritmo com sons vigorosos de marcha, e a legião marchou pela encosta abaixo em duas linhas de cinco coortes. À frente da Sexta Centúria, Cato fazia o melhor para se manter a par do seu centurião. À sua frente viu que as reservas britânicas tinham chegado à rampa e trepavam pela encosta oposta contra a fina barreira de escudos dos homens da Nona. Lá em baixo junto ao rio as coortes da Décima Quarta apressavam-se em reagrupar-se conforme atingiam a margem. Mas a maré que subia tornava o seu progresso através da margem terrivelmente lento e mesmo agora a maioria chegava demasiado tarde para ajudar.

A ameaça inesperada da Segunda Legião vinda da direita causou o pânico aos guerreiros britânicos mais próximos; muitos ficaram a olhar estarecidos para o perigo iminente. A distância diminuía progressivamente e Cato começou a visualizar o aspecto dos homens com quem iria lutar frente-a-frente dentro de pouco tempo. Conseguia distinguir o cabelo de um loiro muito claro, as elegantemente ondeadas tatuagens que cobriam os fortes troncos bronzeados, as calças curtas tingidas de cores claras e as longas e tortuosas lâminas das espadas e lanças.

— Cuidado aí! — alertou Macro quando a encosta íngreme levou a sua centúria a sair do alinhamento em relação ao resto da coorte. — Mantenham o ritmo.

Os agrupamentos reorganizaram-se rapidamente e a Sexta Centúria continuou a avançar, agora a menos de meia milha das fortificações. Um pequeno grupo de artilheiros aproximou-se da abertura mais próxima e colocou-se em posição. Foi então que uma ligeira mas fatal salva das catapultas se abateu sobre os grandes escudos rectangulares dos legionários.

Alguma coisa fez uma tangente à cabeça de Cato e um homem no final da centúria gritou quando uma fígada o atingiu no pescoço. Ele desmaiou e caiu sobre a relva alta, soltando a sua lança. Mas não havia tempo a perder com esse homem, uma vez que uma nova saraivada se precipitava sobre eles.

Ainda faltava um quarto de milha, e a encosta começava a nivelar-se. A Segunda Legião já não podia ver a luta desesperada ao longo da paliçada. Uma larga entrada surgia mesmo em frente à coorte de Cato, e o centurião superior apontou para lá com a sua arma, dando a ordem para que a coorte se apressasse naquela direcção. Com o descuido típico do temperamento Celta, os portões estavam abertos de par em par e a Quarta Coorte já tinha afastado as catapultas. Estava a alguns passos das fortificações quando a primeira das fortemente equipadas infantarias britânicas apareceu. Soltando um rugido de desafio, os bretões de elmos ornamentados, agitando os seus escudos e as espadas longas, atacaram as linhas Romanas.

— Dardos! Disparar à vontade! — Macro mal tivera tempo de dar a ordem, e as centúrias adiantadas da coorte já corriam pela encosta desnivelada que arqueava numa trajectória baixa, directamente para os espadachins britânicos. Como sempre, houve um momento de silêncio quando os dardos partiram e os seus alvos se preparavam para o impacto. Depois ouvia-se o duro embate e o estalar seguido de gritos. Alguns dos dardos acertaram em cheio nos escudos britânicos. As suas fortes estruturas metálicas vergavam-se com o impacto e tornava-se impossível sacudir os projecteis ou desprendê-los dos escudos, que então tinham de ser abandonados. Depois da saraivada dos dardos, os legionários pegavam rapidamente

nas espadas e aproximavam-se dos bretões que ainda se refaziam do impacto. Não havia coragem que conseguisse opor-se à eficiência implacável do treino vigoroso e do equipamento especificamente desenhado para condições tão limitadas de luta, e as Coortes Romanas forçaram com determinação a sua entrada nas fortificações. O número superior do inimigo, que poderia ter feito toda a diferença num campo de batalha, aqui era inútil. Os bretões foram agrupados num círculo apertado e atingidos pelas espadas curtas por entre as brechas dos grandes escudos rectangulares.

A Sexta Centúria posicionou-se num flanco assim que a coorte abriu caminho através da entrada até uma vasta área de tendas de pano e outros abrigos construídos pelo exército de Carátaco. Entre a Segunda Legião e as outras duas legiões que lutavam por toda a área, havia milhares de bretões massacrados. Houve uma pausa momentânea quando o inimigo se apercebeu da amarga realidade da sua derrota, preso entre as duas forças Romanas sem nenhuma rota de fuga. Os chefes constataram o perigo em que estavam e tentaram manter uma certa ordem entre os seus homens antes que a batalha se transformasse num massacre.

No meio da linha de batalha da Segunda Legião, Cato estava ombro com ombro com o seu centurião. No extremo direito da linha romana, Vespasiano dava ordem para avançar; a ordem passou rapidamente de coorte para coorte e momentos depois, por detrás da parede de escudos, a legião avançou ao ritmo cadenciado da unidade. Os atiradores e arqueiros bretões que ainda tinham munições continuavam a atirar sobre os agrupamentos romanos, mas a parede escudada permanecia impenetrável. Desesperados, os guerreiros britânicos incenti-

vavam-se a avançar, em direcção aos escudos, para tentar quebrar a linha.

— Cuidado! — gritou Macro quando viu um homem enorme inclinado sobre Cato. O optio virou o seu escudo para a esquerda e empurrou-o para a cara do homem. Sentiu um impacto e automaticamente atacou com a sua espada o ventre do homem, torcendo e puxando a lâmina. O bretão grunhiu e desabou para o lado.

— Boa pontaria! — Macro sorria, no seu elemento, e atingia outro bretão no peito e depois retirava a espada. Dois ou três homens da Sexta Centúria, exaltados pelo desejo de vencerem o inimigo, correram para a frente, rompendo a linha romana.

— Voltem para aqui! — gritou Macro. — Eu sei os vossos nomes!

Os homens, paralisados pela sua voz, encolheram os ombros e voltaram para a formação, sem se atreverem a enfrentar o olhar gelado do centurião, mais preocupados com a inevitável repreensão disciplinar do que com a presente luta.

A batalha na paliçada tinha terminado e os homens da Décima Quarta Legião empurravam os bretões pela encosta abaixo de volta ao acampamento. Apanhados entre as duas forças, os bretões lutavam pelas vidas com um desespero feroz que Cato considerava aterrador. As caras selvagens, salpicadas com a saliva desprendida dos seus gritos inumanos, pareciam-lhe espíritos demoníacos. O treino do exército romano sobre pôs-se, e a sequência de avançar-empurrar-desarmar-avançar foi completada automaticamente, quase como se o seu corpo pertencesse a uma entidade distinta.

À medida que os fugitivos e feridos sucumbiam às lâminas dos romanos, a linha avançava lentamente sobre um campo de corpos, tendas destruídas e equipamento despedaçado. De repente, a Sexta Centúria alcançou uma zona que os bretões tinham preparado para a cozinha; os fornos de turfa e as fogueiras abertas ainda estalavam e ardiam com uma intensidade laranja à luz do entardecer, banhando os que estavam mais perto de um vermelho lírido que só acentuava o horror da batalha.

Antes que Cato pressentisse, um golpe violento sobre o seu escudo desequilibrou-o e atirou-o para cima de uma panela a fumegar suspensa sobre uma fogueira. As chamas lambeiram as suas pernas, e antes que a água se entornasse e caísse sobre o fogo, escaldou-o de um dos lados do corpo. Não pôde evitar gritar ao sentir a dor aguda das queimaduras, e quase deixou cair o escudo e a espada. Outra pancada fez-se sentir sobre o seu escudo; olhando para cima, Cato viu um guerreiro magro com longas tranças que volteavam sobre ele, um ódio feroz contorcendo-lhe o rosto. Quando o bretão ergueu o seu enorme machado para o golpe final, Cato ergueu a espada de Bestia para amortecer o golpe.

Nunca chegou a vir. Macro enfiara a sua lâmina pelo so-vaco do bretão quase até ao pescoço e o homem morrera instantaneamente. Mordendo os lábios por causa das dores das queimaduras, Cato só foi capaz de acenar em agradecimento ao centurião.

Macro exibiu um sorriso rápido.

— De pé!

A frente do agrupamento já os tinha passado e por um momento Cato sentiu-se a salvo do inimigo.

— Estás bem, rapaz?

— Sobreviverei, senhor. — Cato respirou fundo por entre os dentes cerrados conforme uma onda de dor descia pelo lado do seu corpo. Mal conseguia focar a sua atenção por causa da agonia. Macro não se deixou enganar pela demonstração de bravura, já presenciara cenas iguais nos catorze anos que servia no exército. Mas também aprendera a respeitar o direito pessoal de cada um ultrapassar isso como bem entendia. Ajudou o optio a erguer-se e, sem pensar, deu-lhe uma pancada nas costas. O jovem ficou rijo, mas depois de uma leve tremura recuperou-se o suficiente para segurar com firmeza na espada e no escudo, e forçar a passagem até à frente do agrupamento. Apertando com força o punho da própria espada, Macro voltou para a luta.

Para Cato, o resto da batalha pelo acampamento dos bretões tornou-se numa névoa, pois precisara de se esforçar muito para suportar a dor das queimaduras. Pode ter morto alguns homens mas não se conseguiu lembrar mais tarde de nenhum incidente; apunhalou com a espada e aparou golpes com o escudo sem se aperceber do perigo, pois estava apenas consciente da necessidade de controlar a agonia.

A batalha fluiu implacável sobre o bretões, oprimidos pela incansável pressão das duas legiões. Procuraram desesperadamente o ponto de menor resistência e procuraram fugir por entre as brechas das linhas cerradas dos legionários. Primeiro dúzias, depois centenas de bretões afastaram-se dos seus camaradas e fugiram, trepando pelo lado contrário das rampas e perdendo-se na escuridão crescente. Muitos milhares escaparam antes que as duas linhas de legionários se encontrassem e rodeassem uns guerreiros condenados, dispostos a lutar até à última.

Estes não eram soldados comuns, ponderou Macro, enquanto se batia com um guerreiro mais velho cujo suor fazia luzir a pele do seu corpo musculado. Um pesado colar em ouro pendia do pescoço do bretão, semelhante ao troféu retirado do cadáver de Togodumno, e que Macro agora usava. O bretão viu-o, o reconhecimento iluminou a sua expressão e precipitou-se sobre Macro com uma energia fortalecida pelo desejo de vingança. A ira foi a sua perdição no final; o romano de cabeça fria deixou a fraca energia do homem extinguir-se sobre o seu escudo antes de resolver o assunto com uma estocada certa. Um legionário, um dos que fora recrutado no Outono passado, ajoelhou-se e pousou uma mão no colar do bretão morto.

— Toca nisso e és um homem morto — alertou Macro. — Conheces as regras da pilhagem.

O legionário acenou rapidamente em concordância e atirou-se bruscamente para o meio da confusão para se espetar numa enorme lança.

Macro praguejou. Depois avançou e encontrou Cato ao seu lado mais uma vez, os dentes firmemente apertados num esgar enquanto lutava com uma eficácia viciante. Com o pôr-do-Sol a tingir o céu de vermelho e laranja, uma trombeta romana soou a retirada e abriu-se um pequeno espaço junto aos bretões sobreviventes. Cato foi o último a parar; teve de ser fisicamente retirado da luta pelo seu centurião e depois abanado até recuperar um estado de espírito mais estável.

Ao entardecer, um pequeno círculo de pouco mais de cinquenta bretões observavam em silêncio os legionários. A sangrar de inúmeras feridas, corpos cobertos de sangue e de respiração suspensa, pousaram as armas e esperaram pelo fim. Dos

agrupamentos das legiões ouviu-se uma voz em língua celta. Um apelo à rendição, supôs Macro. O apelo voltou a repetir-se e desta vez os bretões cercados juntaram-se num coro de exclamações e gestos de desafio. Macro abanou a cabeça, subitamente cansado de tanta matança. O que é que estes homens queriam provar com as suas mortes? Quem se importaria com esta última atitude? Era sabido que a História era escrita pelos que venciam a guerra. Ele aprendera isso nos livros de História que Cato utilizava para o ensinar a ler. Estes homens valentes condenavam-se à morte por nada.

Gradualmente deixaram de se ouvir os gritos e ver os gestos de desafio e os bretões enfrentaram os seus inimigos com uma calma fatídica. Houve um momento de silêncio, e depois, sem nenhuma palavra de comando, os Legionários avançaram e dizimaram-nos a todos.

À luz das tochas, os romanos constataram a sua retumbante vitória. Os portões foram guardados para prevenir um contra-ataque, e a procura de romanos feridos pelo acampamento bretão começou com prontidão. Com as tochas erguidas bem alto, as patrulhas de legionários localizaram os seus camaradas feridos e transportaram-nos para a estação de cuidados que fora rapidamente erguida nas margens do rio. Os bretões feridos eram despachados com um golpe de misericórdia e os seus corpos empilhados para um posterior enterro.

Macro enviou uma patrulha à procura de mantimentos para a Sexta Centúria e dispensou Cato. Só uma coisa ocupava a mente do optio. A necessidade urgente de encontrar um alívio para as suas queimaduras. Deixando o centurião junto à rampa, trepou pelo que restava da paliçada e deslizou pelo outro lado. Abriu caminho através do fosso e até à margem do

rio, levemente iluminado pela luz tremeluzente das tochas e dos braseiros da estação de cuidados de feridos. Filas de feridos, moribundos e mortos tinham sido organizadas ao longo da margem do rio e Cato teve de abrir caminho através delas para chegar ao rio. À beira da água, pousou o escudo e desatou cuidadosamente as tiras do elmo, corpete, e cinturão. Sentiu uma leveza crescente a deslizar pelo seu corpo exausto enquanto ia despindo lentamente o equipamento e desvendando as suas feridas. Tinha alguns cortes, cobertos de sangue ressequido, e as queimaduras começavam a ganhar bolhas. Provocavam agonia ao mais simples toque. Nu e a tremer mais de exaustão do que pelo ar fresco da noite, Cato entrou na suave corrente. Ao ter profundidade suficiente, sentou-se e arfou quando a água o envolveu. Momentos depois estava a sorrir de pura felicidade pelo alívio dormente que a água trazia às suas queimaduras.

XIV

— Aposto que isso dói! — gozou Macro enquanto o cirurgião espalhava salva sobre a pele cheia de bolhas do lado direito de Cato, desde a anca até ao ombro. O olhar cortante que o optio lhe mandou foi bastante explícito.

— Esteja quieto — reclamou o cirurgião. — Já é difícil trabalhar com esta luz sem que você esteja sempre a mexer-se. Aqui tem, centurião, segure bem nesta tocha.

— Peço desculpa. — Macro ergueu bem alto a tocha, e à luz do seu brilho laranja o cirurgião mergulhou a mão no pequeno frasco de salva que prendia entre os joelhos e espalhou-a gentilmente sobre o ombro de Cato. Cato estremeceu, e teve de apertar bem os dentes enquanto o cirurgião continuava com a aplicação. O ar fresco da hora que precede a aurora fazia-o tremer, mas dava-lhe um certo alívio da terrivelmente dolorosa ferida que lhe enviava ondas de agonia por todo aquele lado.

— Ele estará apto a reunir-se à unidade? — perguntou Macro.

— Faça-me um favor, centurião! — O cirurgião abanou a cabeça. — Quando é que os oficiais vão aprender que não podem esperar que homens feridos saltem e corram de volta para o combate? Se ele for, rebentar as bolhas e elas infectarem, ficará bastante pior do que está agora.

— Quanto tempo então?

O cirurgião examinou a massa de bolhas enormes e coçou a cabeça.

— Dentro de uns dias as bolhas vão desaparecer. Ele terá que manter este lado arejado e descansar o mais que possa. Por isso está dispensado dos seus deveres.

— Dispensado dos deveres! — escarneceu Macro. — Pode não ter reparado mas estamos no meio de uma batalha sangrenta. Ele tem de voltar para junto da sua unidade. Preciso de todos os homens que conseguir reunir.

O cirurgião ergueu-se em toda a sua considerável estatura e encarou o centurião. Pela primeira vez, Macro constatou o tamanho gigante que o cirurgião tinha, quase três palmos mais alto do que ele, e com a constituição de um touro. Estava pelos seus vinte anos, tinha feições morenas e cabelo ligeiramente encaracolado que sugeria raízes africanas. Grande como era, não parecia ter uma grama de gordura no corpo musculado.

— Centurião, se estima este homem deve permitir que ele recupere das suas queimaduras. Ele está dispensado dos deveres, e a minha decisão tem o apoio do cirurgião sénior e do legado.

O seu tom de voz e a sua expressão tornaram evidente que ele não estava com disposição para ouvir mais argumentos sobre a sua decisão. Mas isso não alterava o facto de que a Sexta Centúria estava muito maltratada e precisava da presença de todos que podiam carregar uma arma.

— E eu disse que o queria de volta à centúria.

A confrontação entre o cirurgião e o centurião à luz trémula da tocha estava a ficar feia. Cato cerrou os dentes e lutou para se pôr em pé e interferir.

— Peço desculpa, senhor. Ele tem razão. Mal posso mexer este braço. Não seria uma grande ajuda neste momento.

— Quem falou contigo? — Macro olhou furioso para o

optio. — De qualquer forma, porque é que estás do lado dele?

— Não estou do lado de ninguém, senhor. Quero voltar à acção o mais depressa possível, mas não estarei a fazer o meu melhor até poder usar este braço.

— Estou a ver. — Macro era condescendente, em princípio, com os feridos. Mas excepto no caso de um membro amputado ou de estar inconsciente, achava difícil compreender porque é que um homem não podia entrar numa batalha. Os bretões podiam ter perdido o acampamento mas muitos deles ainda lutavam lá fora; e os feridos continuavam a lutar pelas suas vidas. — Ora muito bem, rapaz — disse ele, suspirando levemente. — Mas voltas para a centúria logo que possas, compreendido? Nada de fingimentos.

— Senhor! — Cato estava indignado. Mas Macro já se tinha voltado e caminhava por entre as filas de romanos feridos postados junto ao rio. Cato seguiu com o olhar a tocha do centurião por algum tempo, antes desta se perder no meio das outras tochas e dos clarões das fogueiras.

— Boa peça, o teu centurião — murmurou o cirurgião.

— Oh, ele não é má pessoa. Por vezes falta-lhe um pouco de compreensão e de tacto. Mas é um excelente soldado.

— E tu és um entendido em matéria de soldados, não? — O cirurgião mergulhou a mão num pouco mais de salva. — Pronto para mais um pouco disto?

Cato acenou que sim, preparando-se para mais um pouco de dor. — Já tive a minha quota de vida militar.

— A sério? E há quanto tempo serves a Segunda?

— Já vai para um ano.

O cirurgião parou de aplicar a salva. — Um ano? Só? E esta é a tua primeira legião?

Cato acenou em concordância.

— Não passas de um rapaz. — O cirurgião abanou a cabeça com admiração, e então reparou na túnica e na armadura de Cato que jaziam no chão. O brilho pálido da Faléra na armadura peitoral de Cato captou o olhar do cirurgião. — É tua?

— Sim.

— Como é que a conseguiste?

— Salvei a vida do meu centurião, antes de partirmos da Alemanha, no ano passado.

— Quer dizer que és *esse optio*? Aquele de que todos falavam na base? — O cirurgião olhou para Cato com outros olhos. — O *optio* do palácio?

— Sim, sou eu — disse Cato, corando.

— E voluntariaste-te para o exército?

— Não. Nasci escravo. E prometeram-me a liberdade se me juntasse às águias. Uma recompensa pelo trabalho do meu pai no palácio.

— Ele também era escravo?

— Um homem livre. Foi-lhe concedida a liberdade depois de eu ter nascido para que eu fosse escravo.

— Isso é duro.

— É assim a vida.

O cirurgião riu-se, uma gargalhada rica e profunda que atraiu os olhares de todos os presentes.

— Bem, deixaste realmente a tua marca, não foi? De escravo a recruta caloiro e a veterano condecorado em menos de um ano. Por este andar talvez chegues a centurião; não, o que estou a dizer? No próximo ano, por esta altura, já serás legado!

— Podemos continuar com a salva? — perguntou Cato, envergonhado pela súbita atenção que atraíam.

— Desculpa. Não era minha intenção ofender-te, Optio.

— Não me ofendeu. E continuemos assim, por favor.

O cirurgião continuou o seu trabalho, aplicando a salva perfumada sobre a carne viva por todo o lado do corpo magro do optio. Cato tentou ocupar a mente, para afastar a dor o mais que pudesse. Olhou para as filas de homens feridos, alguns a gemer e a chorar enquanto se retorciam no chão. O pessoal médico das três legiões estava ocupado a transportar os doentes pelo rio em pequenas embarcações que tinham sido trazidas do combóio de mercadorias dos engenheiros. Uma movimentação em dois sentidos, de homens feridos e macas vazias, entrecruzava-se até ao rio.

— Quantas baixas tivemos? — perguntou Cato.

— Muitas. Centenas de mortos. Colocámo-los no centro do acampamento. Corre o rumor que o General vai limpar uma área quando o exército avançar. Deve ser suficiente para uma pilha considerável de cinzas.

— E os feridos?

— Milhares. — O cirurgião olhou para cima. — Sobretudo da Nona, graças aos malditos fundibulários. Nunca tinha tratado tantos ossos partidos. Olha, deixa-me dar-te uma lembrança.

O cirurgião revistou o solo durante um momento e dobrou-se sobre algo preso na turfa. Endireitou-se e largou-o na mão de Cato. Era pequeno e pesado e, à luz difusa, Cato viu um pedaço oval de chumbo, que engrossava ao meio, do tamanho do seu polegar.

— Desagradável, não é? — O cirurgião indicou-o com a cabeça. — Ficarias surpreendido com os danos que isso é capaz de fazer nas mãos de um bom fundibulário. O impacto partirá

o osso, mesmo através de uma armadura ou de um elmo. Tive de cortar a perna de um tribuno esta noite. Perfurou-a, desfazendo o osso da coxa em pedaços. O desgraçado esvaiu-se em sangue antes que eu pudesse acabar.

— Por causa de uma coisa destas? — Cato atirou ao ar o chumbo disparado e sentiu o impacto contundente quando o agarrou. Estremeceu ao pensar no prejuízo que este podia causar a um ser humano quando disparado com muita mais força. Ao remexer no chumbo que tinha na mão, reparou numa irregularidade que tinha à superfície, e aproximou-o dos olhos para ver melhor. Mesmo sob aquela luz fraca, constatou que alguma coisa tinha sido gravada num dos lados e que alguém tinha tentado apagar as marcas, apressadamente. — Consegue distinguir aqui algumas letras? — perguntou, levantando o chumbo.

O cirurgião observou-o atentamente, e depois franziu as sobrancelhas.

— Bem, parece um “L”, depois um “E”, mas é tudo o que consigo perceber.

— É o que eu pensava — assentiu Cato. — Mas o que faz uma inscrição em latim num disparo bretão?

— Talvez seja um dos nossos que foi reutilizado.

Cato ponderou durante um momento.

— Mas os fundibulários ainda não foram destacados para as legiões. Por isso, donde é que isto veio?

— De algum sítio começado por LE — sugeriu o cirurgião.

— Talvez — concordou Cato calmamente. — Ou talvez o LE signifique LEGIO, e nesse caso é realmente um dos nossos. Tem visto muitos por aí?

— Vê por aí. — O cirurgião apontou com a mão. — Estão por toda a parte.

— Verdade? — Cato voltou a atirar o chumbo ao ar. — Isso é muito interessante...

— Certo! Já acabei. — O cirurgião levantou-se e limpou a mão num farrapo que tinha preso no cinto. — Vai até ao rio e apanha um barco para regressares ao acampamento da tua unidade. Deves descansar e manter esse braço parado o mais que puderes. Se houver algum sinal de pus nas queimaduras, vai imediatamente ao cirurgião mais próximo. Entendido?

Cato assentiu. Prendeu a túnica no cinto e pegou no seu equipamento com o braço bom. A salva e o ar fresco na pele despida combinavam para fazer desaparecer o ardor das queimaduras e ele sorriu com gratidão.

— Se passar perto de nós nos próximos dias convido-o para uma bebida.

— Obrigado, Optio. És muito amável. Não costumo fazer visitas domiciliárias, mas dada a tua oferta, abrirei uma excepção. Por quem devo perguntar?

— Cato. Quinto Licínio Cato, Optio da Sexta Centúria, Quarta Coorte da Segunda Legião.

— Vemo-nos então, Cato. Aguardarei com prazer. — O cirurgião meteu o frasco de salva no seu saco de couro e voltou-se para partir.

— Posso saber o seu nome? — perguntou Cato.

— Niso. Pelo menos é assim que sou conhecido — replicou o cirurgião com amargura, e caminhou a passos largos por entre as filas de feridos.